

GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO
SECRETARIA DE ESTADO DOS TRANSPORTES E OBRAS PÚBLICAS - SETOP
DEPARTAMENTO DE ESTRADAS DE RODAGEM



**PROJETO DE ENGENHARIA RODOVIÁRIA DE IMPLANTAÇÃO E
PAVIMENTAÇÃO DA ES-320**

Rodovia: ES-320
Trecho: São José de Mantenópolis - Barra de São Francisco
Lote: 01
Extensão: 23,28 km
Contrato: N° 063/2014
Processo: N° 61012882/2013
Contratada: AVANTEC Engenharia Ltda.

**RELATÓRIO FINAL
IMPRESSÃO DEFINITIVA**

VOLUME 3A - Estudos e Projetos Ambientais

**ANEXO III - DIAGNÓSTICO ARQUEOLÓGICO PROSPECTIVO
TOMO I**



AVANTEC
Engenharia

NOVEMBRO/2019



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	2
1 INTRODUÇÃO	3
1.1 IDENTIFICAÇÃO DO EMPREENDEDOR	3
1.2 IDENTIFICAÇÃO DA EMPRESA RESPONSÁVEL PELA ELABORAÇÃO DOS PROJETOS DE ENGENHARIA E ESTUDOS AMBIENTAIS	3
2 JUSTIFICATIVA.....	5
3 FICHA TÉCNICA DO PROJETO.....	5
4 LOCALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO EMPREENDIMENTO	7
5 CONTEXTUALIZAÇÃO ETNO-HISTÓRICA DA REGIÃO.....	8
6 CONTEXTUALIZAÇÃO ARQUEOLÓGICA DA REGIÃO	16
7 PROGRAMA DE PROSPECÇÃO ARQUEOLÓGICA EM SUBSUPERFÍCIE	21
7.1 OBJETIVOS	21
7.2 CONCEITUAÇÃO DO PROJETO	22
7.3 METODOLOGIA DE PROSPECÇÃO ARQUEOLÓGICA EM SUBSUPERFÍCIE	22
8 EXECUÇÃO DO PROGRAMA DE PROSPECÇÃO ARQUEOLÓGICA.....	24
8.1 RESULTADO DO LEVANTAMENTO PROSPECTIVO NA ESTRADA.....	25
8.2 RESULTADO DO LEVANTAMENTO PROSPECTIVO NAS JAZIDAS	960
8.3 RESULTADO DO LEVANTAMENTO PROSPECTIVO NOS BOTA FORAS	1000
8.4 RESULTADO DO LEVANTAMENTO PROSPECTIVO NOS CANTEIROS.....	1172
9 CARACTERIZAÇÃO E AVALIAÇÃO DO PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO DA AID.....	1194
10 PROPOSTA DE UTILIZAÇÃO FUTURA DO MATERIAL PRODUZIDO	1194
11 MEIOS DE DIVULGAÇÃO DAS INFORMAÇÕES OBTIDAS	1194
11.1 EXECUÇÃO DA ATIVIDADE DE EDUCACIONAL	1195
11.2 COMUNIDADE Córrego Itaúna – Barra de São Francisco-ES	1195
11.3 CONCLUSÃO DA ATIVIDADE DE EDUCACIONAL.....	1207
12 CONCLUSÃO E RECOMENDAÇÃO	1209
13 REFERÊNCIAS	1209
14 EQUIPE TÉCNICA	1212
ANEXO 1.....	1213
ANEXO 2.....	1214
ANEXO 3.....	1215

APRESENTAÇÃO

O presente documento elaborado pela **AVANTEC ENGENHARIA LTDA**, apresenta o Diagnóstico Arqueológico Prospectivo do Volume 3A – Estudos e Projetos Ambientais do Projeto de Engenharia Rodoviária para Implantação e Pavimentação da Rodovia ES, extensão total aproximada de 52,05 Km, referente ao contrato de prestação de serviços de consultoria técnica nº 063/2014, que teve o Departamento Estadual de Estradas de Rodagem – DER ES como contratante.

O presente relatório tem o objetivo de verificar a existência de sítios ou bens do patrimônio histórico e cultural, assim como de áreas que tenham potencial de ocorrência de sítios arqueológicos que venham a ser atingidos pelo empreendimento.

Processo Iphan: 01409.900152/2017-31.

1 INTRODUÇÃO

1.1 IDENTIFICAÇÃO DO EMPREENDEDOR

RAZÃO SOCIAL

Departamento de Estradas de Rodagem do Estado do Espírito Santo – DER-ES

NÚMERO DOS REGISTROS LEGAIS

CNPJ: 04.889.717/0001-97

ENDEREÇO

Av. Marechal Mascarenhas de Moraes, nº 1501 - Ilha de Santa Maria, Vitória-ES

CEP 29052-120

TELEFONE E FAX

TEL: (27) 3636-4401/ 3636-4410/ 3636-4446

REPRESENTANTE LEGAL

Nome: Luiz Cesar Maretto Coura – Diretor Geral

Telefone: (27) 3636-4401 / 3636-4496

PESSOA DE CONTATO

Rodrigo José Costa Nobrega – Gerente de Projetos e Orçamento

Telefone: (27) 3636-4401

E-mail: projetos@der.es.gov.br

1.2 IDENTIFICAÇÃO DA EMPRESA RESPONSÁVEL PELA ELABORAÇÃO DOS PROJETOS DE ENGENHARIA E ESTUDOS AMBIENTAIS

RAZÃO SOCIAL

AVANTEC ENGENHARIA LTDA - LTDA

NÚMERO DOS REGISTROS LEGAIS

CNPJ: 05.844.663/0001-06

CNAE: 71.12-0-00

Inscrição estadual: isento

ENDEREÇO

Rua Lauro Ferreira Pinto, n.º 677, Box 35, Centro - Alfredo Chaves - ES. CEP: 29.240-000

TELEFONE E FAX

Tel: (27) 3385 3148

Fax: (27) 3385 3148

REPRESENTANTE LEGAL

Kleber Pereira Machado

CIC: 071.864.957-60

Telefone: (27) 3385 3148

E-mail: kleber@avantec.eng.br

2 JUSTIFICATIVA

O Projeto de Avaliação de Impacto ao Patrimônio Arqueológico do empreendimento de Implantação e Pavimentação da Rodovia ES-320, situado nos municípios de Mantenópolis-ES e Barra de São Francisco-ES, está enquadrado nas perspectivas apontadas pela Arqueologia Preventiva, e segue em conformidade com as diretrizes propostas pela Legislação Federal em vigência, em especial à Lei Federal nº 3.924/1961, Decretos Federais nº 25/1937 e nº 3.551/2000, Portaria SPHAN nº 007/1988, Instrução Normativa IPHAN nº 001/2015; e ao texto da Constituição Federal de 1988, Artigos 215 e 216, destinando-se assim à promoção de resguardo e salvaguarda do acervo arqueológico e patrimonial cultural, visando o engrandecimento e enriquecimento do Patrimônio Cultural do país.

Em virtude da inserção do processo de licenciamento ambiental de empreendimentos potencialmente impactantes ao meio ambiente, durante a década de 1980, a pesquisa arqueológica foi incluída nos estudos ambientais através da Resolução CONAMA 001/1986, estabelecendo que os sítios arqueológicos de natureza histórica e pré-histórica são objetos de estudo a serem componentes importantes na consideração da emissão das Licenças Ambientais de tais empreendimentos.

A execução deste estudo tem o objetivo de atender as demandas apresentadas por meio do Ofício nº 427/2018/IPHAN-ES-IPHAN, de 11 de junho de 2018, elaborado em resposta à Ficha de Cadastro de Atividades – FCA do empreendimento de Implantação e Pavimentação da Rodovia ES-320, situado nos municípios de Mantenópolis-ES e Barra de São Francisco-ES (processo IPHAN nº 01409.900152/2017-31), encaminhada ao Órgão em atendimento à Instrução Normativa IPHAN nº 001/2015, o qual enquadrou o empreendimento em Nível III.

3 FICHA TÉCNICA DO PROJETO

Nome do Projeto: Projeto de Avaliação de Impacto ao Patrimônio Arqueológico do empreendimento de Implantação e Pavimentação da Rodovia ES-320, situado nos municípios de Mantenópolis-ES e Barra de São Francisco-ES.

Executor do Projeto:

Avantec Engenharia LTDA

Endereço: Rua Pedro Busatto, 91

CEP: 29.090-470 – Jardim Combiri – Vitória – ES

Responsável Técnico: Kleber Pereira Machado

Email: kleber@avantec.eng.br

Autonomia Arqueologia - Serviço de Pesquisa em Patrimônio Cultural e Educação Ltda

Endereço: Rua Emília Sampaio 82

CEP: 20560-100 – Vila Isabel – Rio de Janeiro – RJ

Telefone: (21) 3083-9367 / 3083-9368 / 99758-9120 (Filipe)

Responsável Técnico: Filipe André do Nascimento Coelho

Email: filipe.coelho@autonomia-arqueologia.com

Financiamento do Projeto:

Departamento de Estradas e Rodagem do Estado do Espírito Santo – DER-ES

Representante Legal: Luiz xCésar Maretta Coura

Endereço: Av. Marechal Mascarenha de Moraes, nº 1501, Ilha de Santa Maria, Vitória-ES

CEP: 29.015-015

Telefone: (27) 3636-4401

Email: secretaria@der.es.gov.br

Instituição de Endosso à Pesquisa e Guarda do Material Arqueológico:

Museu Histórico da Serra

Diretora: Alessandra Motta Rios

Endereço: Rua Cassiano Castelo 22, Serra Sede, Serra-ES

CEP: 29176-010

Telefone: (27)3291-2330

Email: museuhistorico@serra.es.gov.br

4 LOCALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO EMPREENDIMENTO

A Rodovia ES-320 constitui a principal via de ligação entre os municípios de Mantenópolis e Barra de São Francisco, contribuindo para a conexão destes com Minas Gerais. A concepção deste projeto rodoviário tem como objetivo viabilizar e melhorar o trânsito no local, conciliando sua sustentabilidade com os imperativos ambientais e impulsionando as atividades econômicas na região noroeste do estado (ver mapa – Anexo 01).

Adicionalmente, sua concepção tem como premissa o respeito estrito às leis de preservação ambiental vigentes em âmbito federal, estadual e municipal e à dinâmica socioeconômica, histórica e cultural das comunidades locais.

Seu desenvolvimento teve início a partir de diversas análises e estudos preliminares de viabilidade técnica, econômica e ambiental, que permitiram definir aspectos necessários à sua consolidação. Os aspectos considerados foram localização, acessos rodoviários favoráveis, acessibilidade positiva a infraestrutura urbana, sempre tendo em vista conciliar o desenvolvimento das atividades propostas à preservação do meio ambiente.

A classe da rodovia é “Classe III – Região Ondulada”, e os tipos de pavimento a serem implantados são dos tipos Pavimento Flexível, nos perímetros rurais e semirrígido nos perímetros urbanos.

De acordo com as conclusões e recomendações dos Estudos de Tráfego, as características recomendadas para o segmento de projeto, são aquelas definidas para rodovias “Classe III” região Ondulada, indicada para rodovias com VMD entre 300 e 700 veículos.

Para esta classe de rodovias, as principais características técnicas são as seguintes (DNER, 1999):

- Velocidade Diretriz: 60 km/h
- Rampa Máxima: 6%
- Superelevação máxima: 8%
- Largura da Faixa de rolamento: 3,50 m
- Largura da Faixa de Acostamento Externo: 2,00 m
- Distância de Visibilidade de Ultrapassagem: 420m
- Raio mínimo horizontal: 125 m
- Valor mínimo de K para Curvas Verticais Convexas: 18
- Valor mínimo de K para Curvas Verticais Côncavas: 17

A seção transversal adotada segue as recomendações das características da rodovia, com uma largura total variável de 11,60 m a 13,00 m.

Para o abaulamento transversal da plataforma nos segmentos em tangente, foi adotada uma declividade única de 2,5 % para a pista de rolamento e acostamento.

A definição do valor da superelevação foi efetuada considerando o raio das curvas horizontais e a tangente disponível entre as curvas.

Os segmentos em curvas horizontais foram dotados de superelevação distribuídos de acordo com os critérios estabelecidos pelo DNIT, admitindo-se um valor máximo de 8,0 %.

Não foram adotadas superlarguras para as curvas dos perímetros urbanos. Para os segmentos rurais, todas as curvas horizontais foram dotadas de superlargura, definidas e distribuídas também de acordo com os critérios estabelecidos pelo DNIT.

5 CONTEXTUALIZAÇÃO ETNO-HISTÓRICA DA REGIÃO

Ao elaborar a contextualização etno-histórica e histórica da área de pesquisa é necessário retomar aspectos ligados ao processo inicial de ocupação do atual território brasileiro, onde o contato movido pela intenção principal de se explorar a vasta região, o conhecimento restrito apenas aos lugares de acesso imediato, ou seja, pontos determinados do litoral com maior condição de aportamento e uma faixa bastante estreita da costa, o estranhamento cultural, o forte imaginário católico medieval e o contato dos primeiros colonizadores com pouquíssimas tribos frente ao grande universo de sociedades trinais habitantes do continente (revelados gradativamente dessa época em diante) fez com que os primeiros produtores de fontes historiográficas sobre o Brasil tivessem uma visão bastante peculiar da realidade.

Apesar de termos o início do século XVI como marco temporal da presença portuguesa no território brasileiro, é preciso considerar que o desenvolvimento da colonização portuguesa no Novo Mundo, ocorreu a partir de 1530, quando D. João III enviou a costa do Brasil uma expedição comandada por Martim Afonso de Sousa, nomeado como capitão-mor do Brasil, com o objetivo fiscalizar a região contra a incursão de outros reinos e intensificar o processo de ocupação, com a promoção de doações de sesmarias.

Até a segunda metade da década de 1540 o sistema de colonização através das capitanias hereditárias não tivera os resultados esperados, pois diversas ações de resistência indígena irromperam-se contra as sedes das capitanias da Bahia (1545), Espírito Santo (1546) e Porto Seguro (1546). Além disso, constata-se o avanço de outros reinos sobre o Brasil. Em 1548, por exemplo, uma carta de Luiz de Góis ao rei D. João III, mostrava grande preocupação com a ausência de embarcações portuguesas entre o Rio de Janeiro e o Cabo Frio e a presença cada vez mais incisiva de embarcações francesas circulando nesta região. Por estes motivos o reino de Portugal instituiu em 1549 o Governo Geral do Brasil, nomeando Tomé de Sousa como governador geral e Pero de Góis como capitão-mor da Costa.

Aliás, Tomé de Sousa trazia ordens bastante precisas de como a colonização deveria se organizar a partir de então, baseado em dois regimentos: o *Regimento de 24 de fevereiro de 1547* e o *Regimento de 17 de dezembro de 1548*. O primeiro trata da iniciativa do *descimento* dos índios, concebido como “deslocamentos de povos inteiros para novas aldeias próximas dos estabelecimentos portugueses” (PERRONE-MOISÉS, 1992); e o outro continha determinações sobre a organização do poder público (fazenda, justiça, defesa e fundação de uma capital) e sobre temas relevantes como as relações com os indígenas e sua catequese e o estímulo as atividades agrícolas e comerciais (COSENTINO, 2005).

Em 1546, Pero do Campo Tourinho havia recebido a concessão para construir em Porto Seguro o engenho do Duque de Aveiro, que foi construído provavelmente nas proximidades da localidade de Santa Cruz de Cabralia, mas alguns anos depois foi destruído em mais um conflito com os índios da região e não chegou a ser reconstruído novamente. Neste período formaram-se diversos povoados coloniais, dentre eles o Povoado do Cricaré (São Mateus).

Em 1552, avaliando que os conflitos com os nativos da capitania do Espírito Santo haviam cessado, Vasco Fernandes Coutinho resolveu ir à Portugal a fim de angariar recursos e prover-se de outros objetos necessários, mas no retorno em 1554, encontrou sua capitania devassada e com poucos colonos, pois muitos haviam fugido para outras terras, principalmente para a região do Cricaré (DAEMON, [1879] 1987). Verificando este quadro, o donatário pediu auxílio ao Governador Geral do Brasil, Mém de Sá, que mandou seu filho Fernão de Sá comandando duzentos homens em seis caravelas para socorrer os colonos no Espírito Santo (DAEMON, [1879] 1987). Ao chegar a Porto Seguro, o capitão Fernão de Sá recebeu a informação de ataques aos colonos instalados próximos ao rio Cricaré, para onde as tropas se direcionaram. Entrando na foz do rio, avançaram sobre as “fortalezas” de pau-a-pique (*mareriques*), construídas pelos índios como defesa, matando e prendendo nativos. Foram diversas as investidas dessas tropas e depois de alguns anos conseguiu-se destruir dois dos *mareriques*, Fernão de Sá comandou o ataque sobre um terceiro, maior que os demais, mas a munição não foi suficiente para conseguir concretizar seu plano com aquela aldeia e quase todos os membros da tropa acabaram mortos. Dentre eles estavam Manuel Álvares e Diogo Álvares, filhos naturais de Diogo Álvares Correia (o “Caramuru”). Os combates aconteceram em vários pontos da margem do rio Cricaré, inclusive no rio Mariricu (variação da palavra *marerique*), até o início do ano de 1558.

Após a morte de Fernão de Sá, Vasco Coutinho reorganizou a tropa em Vila Velha e designou “Diogo de Moura, um veterano de combate nas Índias” para comandar a expedição punitiva que executou um grande massacre, destruindo aldeias e matando muitos índios na região de São Mateus (LACHINI, 2009). Mas em 1558, Vasco Fernandes Coutinho já estava sem provisões,

resolveu abandonar a capitania do Espírito Santo¹. Mas nela permaneceram os padres jesuítas, que decidiram continuar o projeto de aldeamento e catequese dos índios. Em 1569, por exemplo, fundou-se o aldeamento de Iiritiba, com a participação do padre jesuíta José de Anchieta.

Por outro lado, entre as capitanias do Espírito Santo e da Bahia, realizaram-se diversas expedições ao interior dos rios Mucuri, Doce e São Mateus, a procura de metais e pedras preciosas – com o auxílio dos jesuítas, para o arregimento de grande contingente de índios. Estas expedições provocaram grandes guerras entre os índios da região, com o que se favoreceram os aldeamentos jesuítas. Em 1572, Sebastião Fernandes Tourinho, descendente do primeiro donatário da capitania de Porto Seguro, parte com uma missão ao rio Doce até encontrar com um braço do mesmo, a que os indígenas davam o nome de *Mandij*, ou *Mandigi*, desembarcando deste ponto, fez por terra o caminho de 120 km ao interior, deparando-se com uma grande lagoa [Juparanã], subiu mais ainda pelo rio Doce e tomou o braço a que os indígenas chamavam *Aceci*, partindo daí rumo de norte pelas matas, tendo encontrado ouro e supostamente esmeraldas e safiras.

A partir das expedições ao interior até da década de 1570, surgem descrições mais elaboradas sobre distintas populações indígenas. Entre 1584 e 1587, Gabriel Soares de Sousa, um colono português que já estava instalado na Bahia há 20 anos, redigiu em Portugal um longo memorial para tentar convencer ao ministro D. Cristóvão de Moura a financiar suas expedições pelo rio São Francisco².

Sendo assim, na seção destinada a capitania do Espírito Santo, por exemplo, ele relata que a região ao sul da sede desta capitania era ocupada pelo gentio chamado Goitacases e o norte pelos Tupiniquins (denominação genérica para designar aliados dos colonos). Segundo ele, uma intensa guerra entre estes dois grupos, ocorrida nos primeiros momentos da ocupação do Espírito Santo, terminou com a destruição da primeira vila formada pelos portugueses (Vila Velha), que tiveram de se deslocar para a Ilha onde constituíram a vila de Vitória. Além disto, relata que por causa desta guerra os Goitacases retiraram-se para o interior. Antes disto, os Goitacases concentravam-se na região entre os rios Guarapari e Reritiba e dominavam toda a região desde o rio Cricaré (São Mateus) ao cabo de São Tomé – tinham como vizinhos, portanto, os Tamoios ao sul; os Tupiniquins ao norte; e os Papanases³, que viviam entre eles e os Tupiniquins, mas em uma porção mais ao norte – descrevendo os costumes dos Goitacases da seguinte forma:

¹ Na obra *Corografia Brasilica ou Relação Histórica e Geográfica do Reino do Brasil*, publicada em 1817, o sacerdote católico, geógrafo e historiador português Manuel Aires de Casal atribui a intensidade destes ataques pela aliança entre as tribos Goitacá e Tupinaki (CASAL, 1817. p.25).

² Anteriormente, o cronista português Pedro de Magalhães Gândavo (que esteve instalado na capitania da Bahia de Todos os Santos, como provedor da Fazenda, entre 1565 e 1570) já havia escrito um histórico da colonização até aquela época, e que se misturou com relatos das coisas encontrou nesta região e outros acontecimentos (publicado em 1576 sob o título *História da Província Santa Cruz – a que vulgarmente chamamos Brasil*), porém, segundo ele mesmo menciona, uma visão extremamente genérica.

³ Os *papanases* viviam entre as terras dos goitacazes e dos tupiniquins (ao longo do mar no território das capitanias de Porto Seguro e Espírito Santo), sendo seus inimigos. Por conta de violentas guerras ocorridas entre os papanases e estes inimigos, eles tiveram de se retirarem para o interior. E tem as seguintes características: “cuja linguagem entendem os tupiniquins e goitacases, ainda que mal. Este gentio dorme no chão, sobre folhas, como os goitacases; também não se ocupa em grandes lavouras; mantêm-se estes selvagens de caça e peixe do rio, que matam; os quais são grandes flecheiros e pelejam com arcos e flechas, andam nus como o mais gentio, não consentem cabelos nenhuns no corpo, senão os da cabeça, pintam-se e enfeitam-se com penas de cores dos pássaros; cantam e bailam; têm muitas gentilidades, das que usam os tupinambás; mas, entre si, têm um costume que não é tão bárbaro, como todos os outros que todo o gentio costuma, que é, se um índio destes mata outro da mesma geração em alguma briga, ou por desastre, são obrigados os parentes do matador a entregá-lo aos parentes do morto, que logo o afogam e o enterram, estando uns e outros presentes, e todos neste ajuntamento fazem grande pranto, comendo e bebendo todos juntos por muitos dias, e assim ficam todos amigos; e sendo o caso que o matador fuja, de maneira que os parentes não o possam tomar, lhe tomam um filho ou filha, se o tem, ou irmão, e se não tem nem um nem outro, entregam pelo matador o parente mais chegado, ao qual

(...) tem a cor mais branca que os que dissemos atrás [tupiniquins], e tem diferente linguagem; é muito bárbaro; o qual não granjeia muita lavoura de mantimentos: plantam somente legumes, de que se mantêm, e a caça, que matam as flechadas, porque são grandes flecheiros. Não costuma esta gente pelejar no mato, mas em campo descoberto, nem são muito amigos de comer carne humana, como o gentio atrás; não dormem em redes, mas no chão, com folhas debaixo de si. Costumavam estes bárbaros, por não terem outro remédio, andarem no mar nadando, esperando os tubarões com um pau muito agudo na mão, e, em remetendo o tubarão a eles, lhe davam com o pau, que lhe metiam pela garganta com tanta força que o afogavam, e matavam, e o traziam a terra, não para o comerem para o que se não punham em tamanho, perigo, senão para lhes tirar os dentes, para os engastarem nas pontas das flechas. Tem esse gentio muita parte dos costumes dos tupinambás, assim no cantar, no bailar, tingir-se de jenipapo, na feição do cabelo da cabeça e no arrancar os mais cabelos do corpo e outras gentilidades muitas que, por escusar prolixidade, as guardamos para se dizerem uma só vez (SOUSA, [1587] 1938).

Estrategicamente ou não, o que Gabriel Soares não deixa claro que este estado de guerra entre as tribos encontradas não era a manifestação de uma rivalidade antiga – pois antes estas tribos sequer dividiam estes territórios –, e, sim, era provocado pelo processo de deslocamento de tribos vencidas em guerra, com a escravização de seus membros por capitães portugueses, e, principalmente, pelo deslocamento de membros de tribos aliadas promovido por padres jesuítas, para a formação de aldeamentos (reduções) – como era o caso dos Tupiniquins.

No sertão do Espírito Santo e da Bahia, por exemplo, segundo ele, existiriam as tribos Guaytacá, Curupyá, Guayaná, Cataguá, Guaimoré, Guajará, Igbiranupá, Aenaguig (expulsos pela ocupação dos Tupinakins), Aquirinó, Quirignã (habitantes da Bahia, que, inclusive, denominavam-na de Quigrigmurê) (SOUSA, [1587] 1938).

Na capitania do Espírito Santo aumentavam o número de reduções ao longo do litoral e algumas delas ganham bastante densidade, o que se pode verificar em um relatório escrito em 1610 pelo padre jesuíta português Jacome Monteiro intitulado *Relação da Província do Brasil*. Na seção destinada ao relato sobre a capitania do Espírito Santo ele diz:

“Dos Goitacazes a Capitania do Espírito Santo vão trinta léguas, no meio das quais está um rio chamado Rio Reritibe, em língua da terra *Rio das Ostras*, por haver ali muitas e boas. Dele pèra o Sul começa a capitania da Pero de Góis, que foi a primeira povoação dos portugueses nesta paragem. Junta a este rio está a aldeia de gentio que temos a nosso cargo [redução], e terá perto de três mil almas, aonde nos fizeram mil festas por mar e por terra, já a seu modo, já a portuguesa, esperando-nos, a qual toda estava, de uma outra banda, cercada de palmeiras que para o dia se trouxeram, aonde os principais Morubuxabas, vestidos ao natural, com os gíolhos em terra nos davam boas vindas, acompanhados de colomins, bem empenados, e mui bons dançantes e tangedores de frautas, violas, e com bandeiras, arcabuzaria, e mil outras invenções. (...) Neste Rio de Reritiba cinco léguas acima está outro ponto, chamado Guaraparim, que quer dizer guará [raposa] manco. Aqui temos outra Aldeia. (...) Dez léguas acima [da sede da capitania do Espírito Santo] está o Rio Doce, povoado de muitos Tapuias ou Aimures – gente selvagem que tinha posto em grande aperto a terra destas partes, por serem muito fortes e manhosos em armar ciladas. Nós os apaziguamos, e são tão domésticos agora, que na brandura levam vantagem a todo mais gentio. Por este rio se vai as esmeraldas dos Mares Verdes, tão nomeados e nunca de todo descobertos. (...) De novo, por ordem de sua Majestade, tem lá mandado no fim de 609 o Governador D. Francisco de Sousa. Esperávamos cada dia resolução deste negócio por irem dous Padres nossos nesta ocasião buscar gentio aquelas partes (LEITE, 1951. (Cf. OLIVEIRA, 1975).

Ao longo do século 17, o comércio escravos trazidos da África subsaariana entrava em ascensão e desta forma o quadro étnico dos povoados coloniais começava a se transformar. Nesta época chegavam às capitanias do Espírito Santo e Porto

não matam, mas fica cativo do mais próximo parente do morto, e com isso ficam todos contentes e amigos como o eram antes do acontecimento do morto”. (SOUSA, [1587] 1938. p.96-97).

maior número de cativos africanos para o trabalho na lavoura e em pouco tempo a economia colonial da região tomou impulso.

Somente com o crescimento do comércio de escravos africanos é que os colonos passaram a conceber a proibição da escravização indígena nas expedições. Ou seja, no lugar de arrefecer, eles a substituíam pela construção de um sistema altamente rentável, ainda mais com as possibilidades de expansão econômica que se apresentavam neste momento, em que os ataques externos estavam praticamente sanados e as expedições internas voltavam com notícias da oportunidade de exploração de ouro. Entre o final do século 17 e o começo do século 18, consolidava-se uma rede transatlântica altamente lucrativa de comércio de indivíduos escravizados da África, e para qual o reino de Portugal começou a dar enorme atenção (THORNTON, 2004).

A partir da fuga da família real portuguesa para o Brasil e sua instalação no Rio de Janeiro em 1808, houve grande empenho da corte em modernizar o modelo de administração e a infraestrutura deste território, principalmente do Rio de Janeiro, que se tornou sede do Império Português. Com este intuito a corte construiu novas estradas, investiu na constituição de novos aldeamentos indígenas e atraiu diversas missões de artistas e naturalistas para retratar os detalhes da geologia, da geografia, da flora, da fauna e das sociedades habitantes do Brasil (principalmente das Minas Gerais e das províncias ao redor do Rio de Janeiro).

Os principais viajantes a circularem pelo Brasil neste período foram o inglês John Mawe e o russo Grigori Ivanovich Langsdorf, seguidos dos alemães Wilhelm Ludwig von Eschwege, Georg Wilhelm Freyreiss, Friederich Sellow, Maximilian Alexander Philipp zu Wied-Neuwied, Carl Friedrich Philipp von Martius, Johann Baptiste von Spix, Johann Moritz Rugendas e os franceses Augustin François César Prouvençal de Saint-Hilaire e Jean-Baptiste Debret.

O contato entre os naturalistas, de diferentes nacionalidades (franceses, ingleses e alemães), e os índios do sudeste do Brasil, as denominações utilizadas principalmente pelos missionários capuchinhos italianos para distinguir as diferentes tribos existentes na Província do Espírito Santo foram ainda mais consagradas no enquadramento dicotômico entre *Puris* e *Botocudos*. Alguns destes viajantes eram também pintores e desenhistas e produziram imagens que consagraram ainda mais estas identidades, como Maximilian Alexander Philipp e Johann Moritz Rugendas.



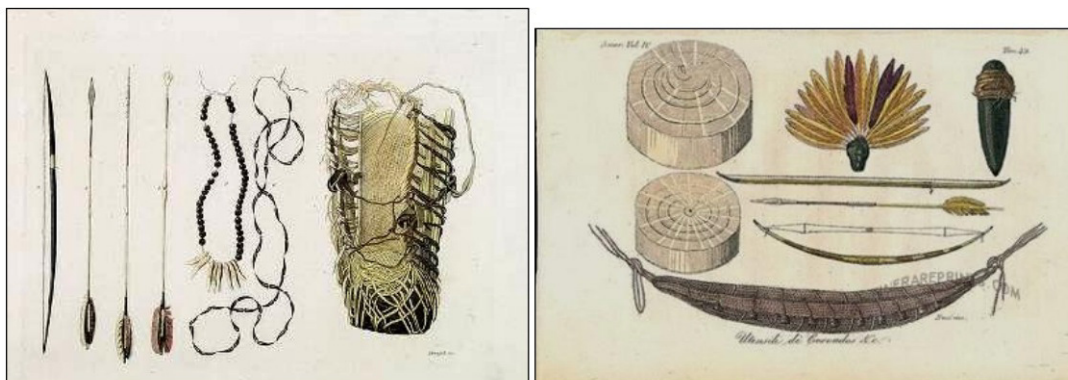


Imagem 4-1 “Puris na cabana”, “Índios Puri na Floresta”, “Trastes, adornos e utensílios dos Puris, dos Botocudos, dos Machacarís e dos índios da costa” e “Armas, adornos e utensílio dos Puris”, elaboradas para o 1º volume da obra de Philipp de Wied-Neuwied (1817), e que em 1827 foram copiadas e aperfeiçoadas pelo ilustrador italiano Giulio Ferrario, em Milão.





Imagem 4-2 Litografia elaboradas por artistas que participaram das expedições realizadas no Brasil com Philipp de Wied-Neuwied e publicadas em 1817 no 1º volume de sua obra, mas que em 1827 foram melhoradas e coloridas pelo ilustrador italiano Giulio Ferrario, em Milão.



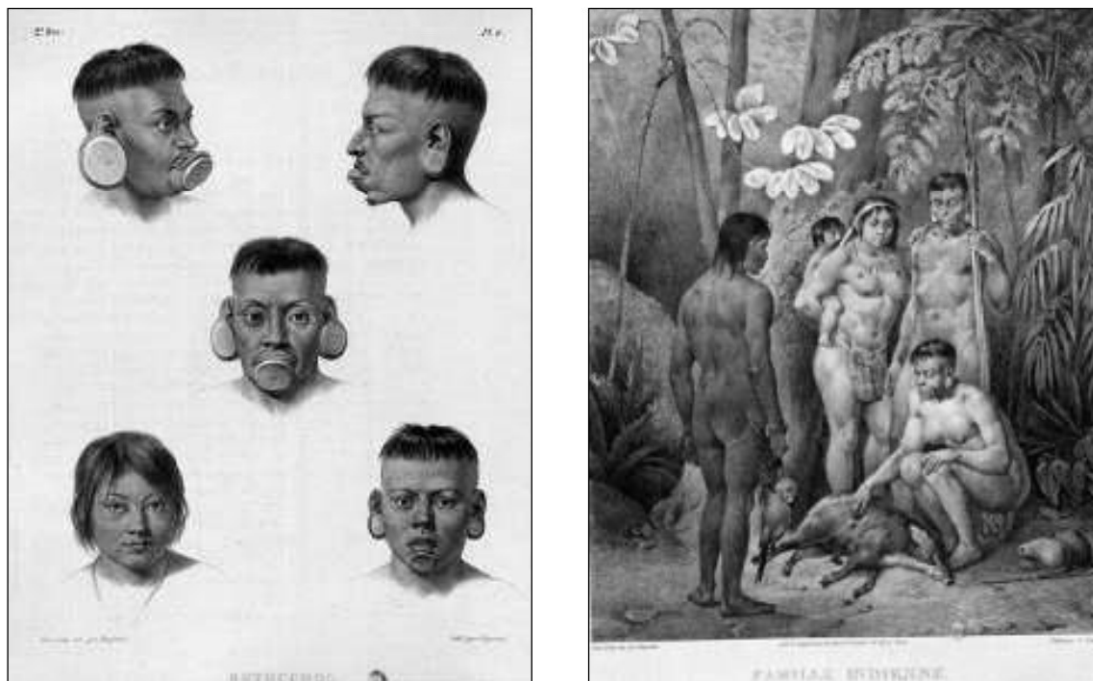


Imagem 4-3 intituladas respectivamente “Puri”, “Coroatos-Coropós”, “Botocudo” e “FamilleIndienne: botocudos” de Nicolas-EustacheMaurin (publicada por Lith. de G. Engelmann) que consta na obra *Viagem pitoresca e histórica através do Brasil* de Johann Moritz Rugendas (1835). – Prancha II, Gravuras 4, 5, 2 e 1.

Cabe frisar que por estarem referenciados nas fontes historiográficas disponíveis (principalmente as dos primeiros períodos da colonização) ou nas obras de historiadores do final do século 18 e início do século 19 (que tiveram grande divulgação no meio científico), os viajantes interpretaram a mudança nas denominações dos índios habitantes de uma determinada região como o resultado de uma ruptura histórica. Alguns argumentaram que a ruptura foi demarcada pela objetiva extinção dos índios das antigas *nações indígenas*, sucedida pela ocupação do espaço por novos índios vindos do interior. Outros afirmaram que a multiplicidade de grupos ou tribos indígenas contatados em uma região foi o resultado da fragmentação de uma grande *nação* anterior – por exemplo, estimou-se que os *Coroados* e *Puris* eram descendentes dos antigos *Goitacazes* e os *Botocudos* tinham ascendência nos antigos *Aimorés*.

Outros viajantes afirmaram ainda que a perda das antigas denominações entre os índios que viviam nas cidades, vilas e freguesias, aliados dos portugueses, era o sinal de que as antigas *nações* haviam aceitado a cultura europeia, os quais geralmente eram chamados de *Caboclos* (PHILIPP DE WIED-NEWIED, [1817] 1940.).

Um pouco mais de uma década depois da chegada família real portuguesa ao Brasil, houve o desenvolvendo de um forte mercado de exportações de gêneros agrícolas, o que possibilitou as elites do país aspirar e consolidar a separação do governo de Portugal, o que foi levado a cabo em 1822.

Aliás, neste contexto da criação do Império do Brasil, instituíram-se uma série de diretorias de índios pelo Brasil, com o intuito de “pacificar”, “civilizar” e controlar (por forças militares) as tribos indígenas existentes, principalmente nas localidades próximas das capitais das províncias e em regiões estratégicas. No Espírito Santo, foi criada a Diretoria do Rio Doce, para o controle e deslocamento (para aldeamentos projetados) dos índios Botocudos do entorno do Rio Doce e de outras localidades ao redor (MARINATO, 2007).

No que tange ao município de Barra de São Francisco, seus antecedentes remontam ao período de instalação da Ferrovia Vitória a Minas, a qual alterou a dinâmica de ocupação dos territórios atravessados por ela, concentrando o contingente populacional ao redor de suas estações, mas no período houve também investimento na abertura ou melhoramento de estradas

de rodagem. Na década de 1920, o panorama das estradas do Espírito Santo, foi registrado por Roy Nash, um viajante estadunidense:

“(...) possui ótima estrada de rodagem que vai da estrada de ferro às colônias alemãs de Santa Leopoldina e Santa Teresa e o Governo Federal construiu mais uns 50 quilômetros através das florestas do rio Doce, estrada essa que, partindo de um ponto oposto a Colatina, vai ter à reserva indígena (por sinal que essa viagem oferece ao viajante estrangeiro excelente oportunidade de contemplar uma mata virgem com todo o conforto). O estado, porém, de resto, é em geral mal servido de rodovias”⁴.

O território do atual município de Barra de São Francisco⁵ recebeu, no início do século XX, seus primeiros colonizadores, procedentes da Colatina e do Estado de Minas Gerais. Esses colonizadores, que vieram em busca de terras férteis devolutas, para a formação de lavouras cafeeiras, fundaram na confluência dos rios São Francisco e Itaúnas, o patrimônio da Capela de São Sebastião. Com a denominação de Barra de São Francisco, por estar localizado na confluência dos rios São Francisco e Itaúnas, o Patrimônio de São Francisco foi elevado, em 1938, à sede de distrito e, em 1943, instalou-se oficialmente como município, desmembrado de São Mateus.

O atual município de Mantenópolis possui vinculação história com o processo de ocupação de Barra de São Francisco, tendo em vista que seu território é resultante do desmembramento de Barra de São Francisco. Segundo informação disponibilizada pelo IBGE, o início da ocupação moderna de Mantenópolis é datado de 1928 a partir de Alexandrino José Ribeiro que fixou residência no local que se constituiria futuramente como sede municipal.

O distrito de Mantenópolis esteve subordinado ao município de Ametista, todavia, em função do desenvolvimento deste distrito, a sede municipal foi transferida para lá em 1953, sendo em 29 de dezembro a alteração da denominação de Ametista para Município de Mantenópolis.

⁴ NASH, [1926] 1939.

⁵ Prefeitura de Barra de São Francisco. Disponível em: <<http://www.pmbsf.es.gov.br/>> . Acesso em 30 de outubro de 2017; Biblioteca do IBGE. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/espiritosanto/barradesaofrancisco.pdf>> . Acesso em 30 de outubro de 2017.

6 CONTEXTUALIZAÇÃO ARQUEOLÓGICA DA REGIÃO

Localizado no norte do estado do Espírito Santo, os municípios de Mantenópolis e Barra de São Francisco não tem referências de estudos arqueológicos dentro de suas delimitações territoriais, porém focando no entorno da região norte do estado referenciado, a região fica inserida dentro de uma área com registros importantes para os estudos arqueológicos no território nacional.

Observando a extensão leste-oeste do estado do Espírito Santo, mais ou menos sobre a faixa dos municípios de São Mateus até os limites do município de Mantenópolis (divisa com o estado de Minas Gerais), conclui-se que se trata de uma área com poucas variações ambientais e com aproximação considerável para a costa litorânea que margeia todo extremo leste do estado, distanciando no máximo 170 km de uma ponta à outra.

A partir das características apresentadas, o presente levantamento foi realizado de maneira mais ampla, de modo a compreender a região norte do Espírito Santo, onde desde a década de 1960 foram iniciados estudos arqueológicos.

O foco das pesquisas arqueológicas iniciadas no Espírito Santo se deu com os trabalhos de Dr. Adam Orssich de Slaventich e da Dra. Elfriede Stadler Orssich, entre os anos de 1966 e 1968. Apesar de nessa época o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA) já fazer parte de um dos iniciais traçados de pesquisas no Brasil, com os seus trabalhos prospectivos, o Dr. Orssich alimentava suas pesquisas com um intuito de definir quem realmente poderia atuar nessa área, refutando a postura dos antiquaristas e outros colecionadores que ainda insistiam em deteriorar os sítios arqueológicos em prol do crescimento de coleções particulares.

Com pouca ênfase para os estudos acadêmicos e de formação pouco sistemática, os trabalhos de Orssich ficaram com maior referência para contribuir no estabelecimento de parâmetros concretos de atuação ao Patrimônio Histórico Artístico Nacional e para fiscalização e gestão do Patrimônio Arqueológico naquele novo momento pós-Lei de 1961 (COSTA, 2013).

A partir desses princípios, a institucionalização da pesquisa arqueológica no Estado do Espírito Santo ocorreu somente quando o arqueólogo Celso Perota, no final da década de 1960, se vinculou a Universidade Federal do Espírito Santo, como professor/pesquisador, e passou, com sua atuação no Programa Nacional de Pesquisa Arqueológica (PRONAPA), a desenvolver pesquisas sobre a pré-história capixaba, com a implementação de reserva técnica e laboratório, ministrando aulas de arqueologia por meio do Departamento de Ciências Sociais até a sua aposentadoria em 1995 (COSTA e FACCIO, 2011).

Segundo Perota (1968, 1969), os sítios ocupados por grupos caçadores-coletores do período pré-cerâmico do Espírito Santo, datam de 4.500 anos AP a 510 a.D e os sítios relacionados a ocupações de grupos ceramistas datam de 810 a 895 a.D.. Já os sítios relacionados aos ciclos regionais de ocupação da sociedade nacional datam do século XVI. Ainda Segundo Perota (1968/1969: 129) os sítios cerâmicos do Espírito Santo são classificados nas Tradições: Tupiguarani, Aratu ou Una (Baco; Faccio; Moraes; Penin; Sesquim; Luz, 2006).

No Estado do Espírito Santo a Tradição Tupiguarani (Subtradição Pintada) está presente em duas fases: a fase Tucum e Cricaré; a cerâmica da tradição Aratu pode ser classificada também em duas fases (a Itaúnas e a Fase Jacareipe) e a tradição Una no sul do Estado do Espírito Santo, está representada pela Fase Tangui (Baco; Faccio; Moraes; Penin; Sesquim; Luz, 2006).

A Fase Tucum é caracterizada por sítios habitações em terrenos arenosos, próximos ao mangue, com refugo de até 45 cm de profundidade, sendo que os primeiros 10 cm a partir da superfície estéril. A cerâmica acordelada possui como antiplástico o mineral (quartzo) associado ao caco moído e os tipos simples, pintado, corrugado, unglado, escovado, pinçado, Anais do V encontro do Núcleo Regional Sul da Sociedade de Arqueologia Brasileira – SAB/Sul. 20 a 23/11/2006, Rio Grande, RS. 8 entalhado e pontado. Entre as formas das vasilhas predominam as tigelas, as bacias com bordas arredondadas e inclinadas para fora, peças retangulares e elípticas, com bases arredondadas ou cônicas. Nessa fase predomina, entre as peças decoradas, a pintura. A decoração plástica está presente em aproximadamente 2% do total da área da peça, sendo um entalhe na borda dos vasos o mais freqüente. Registra-se a presença de batedores, machados polidos e lascas em quartzo. Para essa fase tem-se a datação de 1390 a.D., portando os sítios dessa fase cerâmica

são os mais recentes e em alguns casos apresentam material de contato (Baco; Faccio; Moraes; Penin; Sesquim; Luz, pag. 7, 2006).

A Fase Cricaré é caracterizada por sítios habitações, localizados por todo litoral e interior do Espírito Santo, próximos a afluentes de rios (de 100 a 1.500 metros a margens dos rios). A cerâmica simples é pouco representativa na parte inferior, aumentando gradativamente até predominar na parte superior. O tipo simples aparece com tempero grosso e fino. O tipo pintado aparece em grande quantidade na parte inferior da seqüência, diminuindo no final. Entre os tipos decorados plásticos o corrugado e o serrungulado são os mais representativos, mas verifica-se também a presença dos tipos corrugado-ungulado, inciso, escovado, pontado, entalhado. A cerâmica apresenta antiplástico mineral (quartzo, feldspato e mais raramente a mica). Nessa fase são comuns as seguintes formas: tigelas, pratos, grelhas, urnas carenadas e peças de boca irregular. O lítico está representado nessa fase por aguçadores e lascas de quartzo. Para fase Cricaré tem-se a datação de 895 a.D. No Município de São Mateus um projeto de prospecção arqueológica identificou dezenas de sítios da Tradição Tupiguarani no entorno do Sítio Arqueológico dos Neves, distantes deste até 3 quilômetros em média (PETROBRÁS/AMBIENTAL NORTE 2000 apud Baco; Faccio; Moraes; Penin; Sesquim; Luz, pag. 8, 2006).

Fase Jacareipe é caracterizada por sítios habitação localizados no entorno de áreas alagadas ou de mangue e por uma cerâmica com antiplástico do tipo mineral (quartzo e/ou hematita) e caco moído. Esta cerâmica apresenta os tipos simples com tempero grosso ou fino, corrugado, corrugado-ungulado, pontado, unguado e roletado. As vasilhas dessa fase têm a forma de tigela, recipientes globulares e cônicos, todas de pequenas dimensões, com bases arredondadas ou cônicas. Nessa fase verifica-se a ausência das grandes urnas funerárias piriformes, do uso da grafita como antiplástico e como elemento do tratamento de superfície e decoração. As pedras lascadas estão representadas por núcleos de calcedônia, lascas de quartzo e calcedônia com sinal de uso. As datações para esta fase são de 838 e 1183 a. D (Baco; Faccio; Moraes; Penin; Sesquim; Luz, pag. 8, 2006).

Fase Itaúnas compreende sítios localizados na faixa litorânea em abrigo sob rocha ou a céu aberto, próximo das margens dos rios (de 50 a 100 metros das margens). A estratigrafia é formada por conchas, ossos de peixe e de animais misturados a grande quantidade de terra. A cerâmica apresenta o antiplástico mineral (quartzo) de forma predominante. A cerâmica dessa fase apresenta dois tipos simples (simples tempero grosso e simples tempero fino) e doze decorados (vermelho, pintado, corrugado simples, corrugado unguado, polido estriado, grafitado, roletado, unguado, inciso, pontado, escovado, e entalhado). A decoração pintada é intrusiva nesta fase. Os antiplásticos hematita, grafita e concha moída aparecem nesta fase. Contudo, a grafita, enquanto antiplástico, é elemento diagnóstico desta fase. As peças têm espessuras que variam entre 0,4 e 1,8 centímetros. As vasilhas desta fase são constituídas por grandes urnas piriformes (elemento diagnóstico), peças de bojo arredondado, peças arredondadas de boca constrita, peças com bordas onduladas, tigelas rasas e fundas, peças de corpo globular com gargalo reto, esféricas de contorno simples e meia calota. Além das vasilhas nota-se a presença de rodela de fuso e de cachimbos tubulares, cilindros de argila sem uso, asas e fragmentos de taipa. As pedras lascadas são representadas por batedores, machados polidos e lascas de quartzo. As datações para esta fase são de 1730 a. D. e 1780 a. D. (Baco; Faccio; Moraes; Penin; Sesquim; Luz, pag. 8, 2006).

Fase Tangui. Sítios classificados nesta fase são comuns em abrigos sob rocha e mais raramente em habitação de tipo aberto, em área de topografia acidentada. Apresentam pouca densidade de material cerâmico. Os sítios de tipo aberto têm formato circular com diâmetro de 250 metros e refugio com profundidade de 90 centímetros. A cerâmica acordelada apresenta antiplástico mineral (quartzo, hematita e mica) e os tipos simples polidos, estriado e vermelho. As vasilhas apresentam as formas globulares ou de tigelas rasas ou fundas com contorno direto. São comuns os enterramentos. A indústria óssea apresenta pontas de projétil e outras peças com marcas de uso. Os líticos compreendem batedores, quebracocos, lascas de quartzo e raspadores em

calcedônia. A datação para esta fase é de 810 a. D. Segundo Perota (1968,1969, p. 156), (Baco; Faccio; Moraes; Penin; Sesquim; Luz, pag. 9, 2006).

Mesmo com características distintas, observadas através dos estudos da cultura material que representa cada uma dessas tradições citadas, existem indícios de um contato ou choque cultural cronológico entre esses grupos na região norte do estado em foco, como descreve o trecho a seguir.

Apesar do estudo do material resgatado no Sítio dos Neves, em São Mateus, ter apenas se iniciado, pode-se constatar que a cerâmica encontrada apresenta características singulares. Isso porque, embora classificada na Tradição Aratu, devido a morfologia das peças, apresenta motivos plásticos, ainda que em pequena quantidade característicos da cerâmica da Tradição Tupiguarani, como o corrugado, unglado, entalhado, inciso, digitado e roletado. Diante da presença dessa decoração plástica (Tradição Tupiguarani) em um sítio da Tradição Aratu, pode-se aventar a hipótese de que o grupo indígena que, no passado, habitou o Sítio Arqueológico dos Neves (índios do tronco lingüístico jê), manteve contato com grupo indígena de outra etnia (do tronco lingüístico tupi), (Baco; Faccio; Moraes; Penin; Sesquim; Luz, pag. 10, 2006).

Observando toda região norte do estado do Espírito Santo, que é formada pelos municípios de Água Doce do Norte, Barra de São Francisco, Mantenópolis, Ponto Belo, São Gabriel da Palha, Vila Pavão, Vila Valério, Águia Branca, Boa Esperança, Conceição da Barra, Ecoporanga, Jaguaré, Montanha, Mucurici, Nova Venécia, Pedro Canário, Pinheiros e São Mateus. Podemos obter um maior foco para a distribuição das representações culturais nas figuras dos indivíduos que já ocuparam ou passaram por essa área.

Segundo o Levantamento de dados secundários do Plano de Manejo da APA de Conceição da Barra - Volume 2, 2014; o Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos (CNSA) do IPHAN registrava 92 sítios arqueológicos no município de São Mateus. Além desses, havia ao menos 17 outros sítios arqueológicos mencionados em relatórios técnicos consultados, ainda não inseridos no cadastro do IPHAN, totalizando cerca de 109 sítios conhecidos no município estudado. Para o município de Conceição da Barra, o CNSA registrou 51 sítios, o mesmo número que nos relatórios consultados.

Ainda sob a referência desse levantamento, esses sítios correspondem em sua maioria a sítios cerâmicos, geralmente localizados próximos ao litoral, alguns deles associados às tradições Tupiguarani, Aratu e possivelmente Una, assim como também denota Perota (1968, 1969). Há também sítios líticos e sambaquis mencionados, além de sítios do período de contato e históricos.

Nos outros municípios da região são encontrados na tabela abaixo, os seguintes números nos registros de sítios do CNSA:

MUNICÍPIO / UF	CNSA/SÍTIOS REGISTRADOS	REFERÊNCIAS
Água Doce do Norte – ES	0	–
Barra de São Francisco – ES	0	–
Mantenópolis-ES	0	–
Nova Venécia-ES	3	Sítio cerâmico, pré-colonial.
Ponto Belo – ES	1	Sítio Floresta, pré-colonial de lítico lascado.

MUNICÍPIO / UF	CNSA/SÍTIOS REGISTRADOS	REFERÊNCIAS
São Gabriel da Palha – ES	2	Complexo Córrego da Onça e Sítio Histórico Albertinho Pinaffo
Vila Pavão – ES	0	–
Vila Valério – ES	0	–
Águia Branca – ES	0	–
Boa Esperança – ES	2	ES-LI nº 1 e ES-LI-2 nº 2. Sítios pré-coloniais lito-cerâmicos.
Conceição da Barra – ES	56	Sítios com maior prevalência com a presença de cerâmica e lítico pré-colonial, com um parêntese para o sítio morcego, que foi registrado com presença de conchas.
Ecoporanga – ES	0	–
Jaguaré – ES	7	São 4 sítios lito-cerâmicos, dois cerâmicos (todos pré-coloniais) e um histórico.
Montanha – ES	0	–
Mucurici – ES	2	Eldorado I e Eldorado 2. Sítios Líticos pré-coloniais
Pedro Canário – ES	0	–
Pinheiros – ES	1	Sítio cerâmico em uma área de 1500m².
São Mateus – ES	95	Os Sítios correspondem em sua maioria a sítios

MUNICÍPIO / UF	CNSA/SÍTIOS REGISTRADOS	REFERÊNCIAS
		cerâmicos, geralmente localizados próximos ao litoral, alguns deles associados às tradições Tupiguarani, Aratu e possivelmente Una. Há também registros de 3 sítios históricos no município.

Tabela 1: Registros dos sítios nos municípios da região norte do Espírito Santo.

No total, observando os registros do CNSA, a região norte do estado em foco é composta por 165 sítios arqueológicos registrados, sendo a maior parte desses relacionados a um contexto pré-colonial, com variações de materiais líticos, cerâmicos e vestígios de sambaquis. Também são encontradas ocorrências de sítios históricos como a Fazenda Tabatinga, Ocorrência São José e Córrego do Sapato 1, registrados no município de São Mateus – ES.

A presença dos sítios históricos que se interpreta após o período de contato com colonizador, pode se caracterizar em meio a vestígios singularmente histórico e de contato, como o sítio Nilson 1, localizado no município de Conceição da Barra – ES, registrado por Irnhild Wust, outro pesquisador de referência nos estudos arqueológicos realizados no Espírito Santo.

No Sítio Nilson 1, foi evidenciado cerâmica Tupiguarani em contato com o sítio histórico. O sítio tem 108m de comprimento por 5m largura. Além desse foi encontrado uma referência com foto no Plano de Manejo da APA de Conceição da Barra - Volume 2, pag. 12, 2014, que mostra um fragmento de louça (faiança fina, com características da técnica de pintura borrão azul) encontrado no sítio arqueológico Fazenda Cantagalo, onde também ocorrem fragmentos de cerâmica com características da tradição Aratu.

Ainda segundo o Plano de Manejo da APA de Conceição da Barra - Volume 2, pag. 12, 2014: para esse período, Perota menciona a Tradição Neobrasileira, que possui influência européia principalmente quanto à morfologia. Foi estabelecida a Fase Moenda, representado por um sítio situado no vale do médio rio São Mateus, e dois no vale do rio Reis Magos. Os vestígios encontrados são cerâmica acordelada, temperada com quartzo, pasta bem alisada, coloração preta ou marrom. Formas variadas, arredondadas com bordas inclinadas para dentro, bojo carenado, globulares e pequenas tigelas com bordas inclinadas para fora. Ocorrência de bases planas. Ocorre também porcelana, cerâmica de torno, vitrificada e esmaltada, geralmente com pintura azul (Perota, 1971b).

Boa parte desses registros foram feitos por pesquisadores que trabalharam de forma intensa nessa área, como o arqueólogo Celso Perota, que vem realizando estudos por todo estado desde a década de 1960. Através desses levantamentos realizados pelo mesmo e outras bases de trabalho vinculadas principalmente aos empreendimentos petrolíferos, a quantidade e o aprofundamento nos estudos arqueológicos dessa região se tornaram ainda mais importantes para o entendimento do contorno histórico e pré-colonial do Espírito Santo.

A partir da década de 90, diversos levantamentos arqueológicos foram realizados no litoral norte do Espírito Santo, em cumprimento da legislação federal para licenciamento de atividades causadoras de impacto ambiental. Várias prospecções arqueológicas foram realizadas na região costeira, principalmente entre as duas bacias dos rios Doce e São Mateus relacionadas especificamente aos empreendimentos petrolíferos. Nem todos os projetos resultaram na identificação de sítios arqueológicos, mas vários sítios foram registrados nos municípios de São Mateus e Conceição da Barra (Bourscheid, 2005; Caldarelli, 2002; Fundação Seridó, 2006; Machado, 2009 e 2010; Perota, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011; Perota e Teixeira, 1999; Teixeira, 2003, 2006 e 2009), (Plano de Manejo da APA de Conceição da Barra - Volume 2, pag. 4, 2014).

Os resultados desses estudos nos municípios de São Mateus e Conceição da Barra são importantes para o entendimento do contexto arqueológico e etnográfico possível de ser encontrado no município da região.

Além disso, já é possível ter uma pré-classificação do contexto arqueológico do local por consequência dos materiais encontrados nos dois sítios registrados em 1968, onde os fragmentos de cerâmicas coletadas se assemelham com as evidências registradas nos outros dois municípios paralelos ao levantamento em foco.

A região norte do Espírito Santo a pesar de relatos históricos de vários grupos indígenas, tem prevalência para os índios botocudos, também conhecidos como Aimoré. Segundo relatos do historiador Rogério Frigerio Piva, natural de Nova Venécia, foram estes índios, em especial, a tribo dos GIPOROK (subdivisão dos botocudos) que travaram contato com os primeiros colonizadores no final do século XIX. Além desse relato Maria Hilda B. Faraísu faz a seguinte descrição em sua publicação, os Botocudos e sua Trajetória Histórica.

As primeiras notícias sobre os Botocudos, ainda chamados de Aimoré ou Tapuia, datam dos primeiros anos de tentativa de colonização do país. O território ocupado pelos Botocudos compreendia grandes faixas da Mata Atlântica e da Zona da Mata na direção leste-sudeste, constituídas de florestas latifoliadas tropicais, cujos limites prováveis seriam o vale do Salitre, na Bahia, e o rio Doce, no Espírito Santo (FARAISU, 1998).

Os grupos com essas características culturais ocuparam áreas mais afastadas do litoral Espírito-Santense, supostamente mais afastados dos grupos tupis, que se concentraram nas regiões litorâneas até o aumento da colonização européia. Toda região norte do estado tem uma maior concentração de estudos/registros arqueológicos nos municípios de São Mateus e Conceição da Barra, que como já descrito em parágrafo anteriores, contribuem muito para o conhecimento prévio dos municípios de Mantenópolis e Barra de São Francisco.

7 PROGRAMA DE PROSPECÇÃO ARQUEOLÓGICA EM SUBSUPERFÍCIE

7.1 OBJETIVOS

As atividades do Projeto de Avaliação de Impacto ao Patrimônio Arqueológico do empreendimento de Implantação e Pavimentação da Rodovia ES-320, situado nos municípios de Mantenópolis-ES e Barra de São Francisco-ES, tem por objetivo principal promover a aquisição, e compilação entre dados primários, obtidos em levantamento de campo, e secundários, obtido em bibliográfica especializada, a fim de subsidiar a caracterização do empreendimento, do ponto de vista arqueológico, e inserção no contexto etno-histórico, cultural e arqueológico regional.

A referida pesquisa intensiva de campo tem o objetivo de identificar, avaliar, delimitar e caracterizar contextos arqueológicos, que estejam inseridos na Área Diretamente Afetada pelo empreendimento, a partir de metodologia intensiva de pesquisa.

Para isso, foram elencados como objetivos específicos do Projeto:

- Execução do levantamento prospectivo intensivo por meio da associação de intervenções em subsuperfície, e de superfície, será realizado, na área destinada à implantação do empreendimento de Implantação e Pavimentação da Rodovia ES-320, situado nos municípios de Mantenópolis-ES e Barra de São Francisco-ES (ver mapa – Anexo 02);
- Execução de atividades de curadoria, análise e acondicionamento do material cultural, porventura localizado durante a execução do levantamento prospectivo intensivo em subsuperfície;
- Propor ações que visem o resguardo Patrimônio Arqueológico da ADA, por meio de intensificação, posterior, do estudo em áreas que sejam registradas evidências arqueológicas, assim como, propor readequações do projeto executivo do empreendimento, quando possível;
- Analisar e divulgar os resultados obtidos, visando à promoção do conhecimento.

7.2 CONCEITUAÇÃO DO PROJETO

O conceito de Patrimônio Cultural compreende uma diversidade de elementos que caracterizam uma determinada sociedade, reunindo aspectos de suas tradições, hábitos e conhecimentos técnicos, que se encontram refletidos na sua cultura material e imaterial (BENTLEY, 1987; BOURDIEU, 1983a; BOAS, 2007; JORGE, 2007). O Patrimônio Arqueológico insere-se no âmbito do Patrimônio Cultural Material.

Este conceito, em geral, se refere a um conjunto complexo que inclui todos os bens materiais e imateriais resultantes da experiência de um povo ou grupo humano num determinado espaço e tempo (JORGE, 2007). Por isso, envolve também a ideia de patrimônio histórico ambiental, uma vez que hoje se concebe o ambiente como um resultado da ação humana, portanto um ambiente culturalmente construído (DIEGUES, 1994).

Quando nos referimos ao patrimônio cultural, aludimos então, a todas as manifestações vivenciais de um determinado povo. As artes (plástica, cênica, música, dança, literatura, dentre outras), as bebidas, a indústria, os negócios, a agricultura, a língua, a ciência, a religião, a história, a pré-história e até o governo, todas elas são incluídas no rol de patrimônio (JORGE, 2007).

Outro aspecto envolvido no estudo sobre o Patrimônio Cultural é a existência de locais no qual a população possui um especial interesse, cujos parâmetros simbólicos devem ser analisados com atenção e resgatadas suas características (UNESCO, 1972). Tais parâmetros utilizados, então, devem considerar os traços reconhecidos nos locais de interesse cultural e serem avaliados, segundo os critérios de conservação dos contextos sócio-cultural e ambiental, atribuindo-se devida relevância aos locais onde estes estejam comprometidos (JORGE, 2007).

Assim sendo, qualquer ação de impacto sobre uma dada região e seu povo ou habitantes, deve planejar e elaborar projetos de valorização para a preservação do patrimônio cultural, uma vez que é pelo valor simbólico socialmente atribuído, ou pela destinação dos bens culturais que lhe são socialmente dados, que os elementos integrantes do patrimônio cultural nacional podem ser preservados para (re)conhecimento das populações atuais e futuras (Resolução CONAMA nº 01/1986; UNESCO, 1972).

Em relação à proteção do Patrimônio Arqueológico, para a verificação das áreas de interesse arqueológico, faz-se importante também o conhecimento de todos os terrenos/áreas a serem utilizados quando da execução das obras, bem como também a própria área de construção do empreendimento a ser erigido. Essa medida visa a produção de conhecimento científico arqueológico e, conseqüentemente, sua incorporação à Memória Nacional.

7.3 METODOLOGIA DE PROSPECÇÃO ARQUEOLÓGICA EM SUBSUPERFÍCIE

As atividades de campo relacionadas ao levantamento prospectivo intensivo de subsuperfície estiveram concentradas na Área Diretamente Afetada (ADA) do Projeto de Avaliação de Impacto ao Patrimônio Arqueológico do empreendimento de Implantação e Pavimentação da Rodovia ES-320, situado nos municípios de Mantenópolis-ES e Barra de São Francisco-ES.

A execução do levantamento prospectivo intensivo com intervenção em subsuperfície, ocorreu integralmente na área onde concentrar-se-ão as atividades de instalação e operação do empreendimento. Dado o contexto histórico e arqueológico da região, associada às pouquíssimas pesquisas arqueológicas realizadas no município, optou-se pela utilização de uma metodologia que cobrisse integralmente o polígono da ADA.

A metodologia de levantamento prospectivo intensivo será realizado conforme descrição a seguir:

- Todo levantamento prospectivo intensivo será realizado sobre linha de prospecção dispostas paralelamente;
- As linhas de prospecção arqueológica tiveram distanciamento regular de 50m, sendo dispostas de maneira alternada, linhas de prospecção em superfície e linhas de prospecção em subsuperfície (ver mapa – Anexo 02);
- Nas linhas destinadas a execução de levantamento prospectivo em subsuperfície, os pontos de tradagem tiveram distância regular de 50m, e entre esses pontos foi realizado levantamento de superfície. Havendo necessidade, serão abertas sondagens estratégicas para verificar a distribuição de material arqueológico e a estratigrafia do local;
- Em caso de ocorrência de material arqueológico, serão executadas intervenções adicionais sobre malha com distanciamento regular de 10m, com intuito de delimitar a poligonal do sítio e diagnosticar áreas de maior sensibilidade, do ponto de vista arqueológico, que estejam inseridas nesta poligonal.

No que tange as intervenções em sub-superfície, estão previstas a execução de abertura de tradagens com diâmetro, aproximado, de 0,40m, e profundidade mínima de 1 m. As unidades, que por ventura possam ser executadas, terão medida de 1x1m, ou 0,50x0,50m, e deverão atingir a profundidade com camada estéril, do ponto de vista arqueológico.

Na área delimitada para execução do levantamento prospectivo, as intervenções arqueológicas em sub-superfície terão intensidades diferenciadas (tradagem ou unidades), definidas conforme as especificidades locais e o potencial arqueológico do compartimento analisado (Araújo, 2011). Com isso, as definições da abertura de unidades ocorrerão a partir da observação *in situ* da área de prospecção.

Na composição deste projeto, a organização do material cultural detectado durante as intervenções arqueológicas, começa a partir da elaboração de fichas de descrições básicas dos materiais denominadas “*ficha de registro de inventário*”, ainda no campo, que junto com a documentação arqueológica, exerce um papel fundamental para futura gestão dos acervos (Ferrez, 1994). Por base são informados dados específicos dos objetos, localização, tipo de material. Essas fichas também servem, posteriormente, para a inclusão de informações e triagem no laboratório ou área de conservação onde terão seu primeiro tratamento, antes de seguir para a instituição de guarda.

Todas as atividades de prospecção intensiva serão realizadas de acordo com as seguintes etapas:

1ª Etapa: Consiste na localização georreferenciada das linhas de prospecção, onde serão executados o levantamento prospectivo de sub-superfície, associado ao levantamento prospectivo de superfície. Todos os dados estarão inseridos em aparelho de GPS.

2ª Etapa: A partir da localização dos pontos para execução de intervenções arqueológicas, serão abertas tradagens ou unidades, da seguinte forma:

- As tradagens serão escavadas de forma manual com auxílio de cavadeira articulada, obedecendo os níveis naturais, até atingir camada sem potencial arqueológico;
- Havendo necessidade, serão escavadas unidades com dimensão de 1x1m ou 0,50x0,50m, e serão escavadas em níveis artificiais a cada 10 cm, registrando as alterações sedimentares e ocorrência de material cultural;
- Todas as intervenções em sub-superfície serão registradas por meio de fichas específicas de escavação e serão acompanhadas de registro estratigráfico, e registro fotográfico da escavação e de seu entorno.
- Em caso de ocorrência de material cultural entre os pontos de intervenção, será feito o registro fotográfico da área e georreferenciamento do ponto de coleta. Havendo necessidade, serão realizadas intervenções adicionais nestes locais para delimitação de poligonal de preservação.

3ª Etapa: Em caso de ocorrência de material cultural deverão ser feitas atividades de curadoria e acondicionamento, conforme os procedimentos listados abaixo:

- Em campo, todo material coletado será acondicionado em sacos zip ou papel alumínio, acompanhados de ficha de identificação;
- Após finalização das atividades de campo, todo material coletado será direcionado para laboratório onde serão realizadas atividades de higienização;

- Todo material, com exceção do material de origem orgânica (restos vegetais, carvão, ossos), deverá ser lavado em água corrente, com uso de escova dental macia para melhor identificação dos atributos técnico-funcionais dos artefatos.

No que se refere à coleta de sedimento, a tiragem do material será realizada com auxílio de uma célula de flotação, conforme protocolo estabelecido por YBERT (2006);

- Após higienização, todo material cultural será analisado e catalogado por profissional especialista em curadoria, segundo sua natureza e área de procedência. A análise desses vestígios tem o objetivo de produzir informações que possibilitem a interpretação da dinâmica social do sítio arqueológico.
- Todo material cultural, após análise, será acondicionado em caixas plásticas Marfinite, no padrão exigido pelo IPHAN, e protegidos por ethapon.
- As caixas contendo material arqueológico serão encaminhadas ao **Museu Histórico da Serra** para guarda permanente.

4ª Etapa: Elaboração de Relatório Final.

Os resultados das pesquisas arqueológicas serão descritos em relatório específico onde deverão ser discriminados a metodologia utilizada, as atividades de campo e de laboratório, assim como, os levantamentos bibliográficos complementares para a definição dos elementos culturais identificados.

8 EXECUÇÃO DO PROGRAMA DE PROSPECÇÃO ARQUEOLÓGICA

As atividades de campo relacionadas ao Programa de Prospeção Arqueológica foram executadas em concomitância entre o levantamento prospectivo de subsuperfície e o levantamento prospectivo de superfície, com a finalidade de obter o máximo de informação de campo para subsidiar as interpretações sobre o potencial arqueológico da área do empreendimento.

Cabe ressaltar que entre os pontos de intervenção em subsuperfície, previamente estabelecidos, também foi realizado levantamento em superfície, com isso foi possível concomitância entre as atividades de prospecção.

Em relação ao levantamento arqueológico em subsuperfície, os pontos de intervenção foram previamente determinados segundo metodologia apresentada, sendo dispostos sobre linhas de prospecção com distanciamento regular de 20m entre os pontos.

Todas as intervenções em subsuperfície executadas para obtenção de dados arqueológicos primários, no âmbito do *Projeto*, foram minuciosamente registradas a partir do preenchimento de fichas de escavação padronizadas, assim como registro fotográfico.

O principal objetivo dessa ficha é fornecer informações relativas ao tipo de intervenção em subsuperfície e sua localização por georreferenciamento (Zona, UTM e Datum). Além disso, as fichas possibilitam a obtenção de informações correspondentes as características sedimentares dos níveis escavados, contextualização ambiental e registro das ocorrências arqueológicas. O agrupamento dos dados obtidos durante a prospecção possibilita a construção de um panorama arqueológico da área abordada.

A nomenclatura da coloração do solo foi registrada a partir da codificação definida pelo Revised Standard Soil Color Charts. Esta opção metodológica parte da premissa que os dados arqueológicos primários obtidos através do trabalho de campo devem ser padronizados e referenciados, como forma de possibilitar o fácil acesso e compreensão por parte de outros pesquisadores.

 AUTONOMIA arqueologia		PROJETO:	
Município		Estado	Data
Nº Ficha			
Zona	UTM N	UTM E	Datum
Sondagem n°	Tradagem n°	Sondagem/tradagem n°	Profundidade máxima
		Km	
Camada	Prof. (cm)	Cor	Textura
			argiloso argilo-arenoso arenoso areno-argiloso
			☐ ☐ ☐ ☐
			Presença de cascalho
			Presença de rocha
Camada	Prof. (cm)	Cor	Textura
			argiloso argilo-arenoso arenoso areno-argiloso
			☐ ☐ ☐ ☐
			Presença de cascalho
			Presença de rocha
Camada	Prof. (cm)	Cor	Textura
			argiloso argilo-arenoso arenoso areno-argiloso
			☐ ☐ ☐ ☐
			Presença de cascalho
			Presença de rocha
Camada	Prof. (cm)	Cor	Textura
			argiloso argilo-arenoso arenoso areno-argiloso
			☐ ☐ ☐ ☐
			Presença de cascalho
			Presença de rocha
Afloramento:		Cultivo:	Gado
			Erosão
			Aterro
			Construção:
Curso d'água:		Corpo d'água:	Canal:
			Estrada:
Plano	Declive	Active	Pasto/Graminea
☐	☐	☐	☐
Vestígio Arqueológico	Tipo	Arbustiva	Árborea
☐		☐	☐
		Vegetação primária	Vegetação secundária
		☐	☐
		Croquis	Fotos
		☐	☐
		Nº das fotos	
Observações			
Responsável		Conferente	

Imagem 7-1. Exemplar de ficha de registro utilizada em campo

8.1 RESULTADO DO LEVANTAMENTO PROSPECTIVO NA ESTRADA

Na área destinada a instalação da pista de rolagem foram alocados 970 pontos de intervenção em subsuperfície com distanciamento regular de 50m, a fim de verificar a existência de contextos arqueológicos na área de instalação do empreendimento.

Com o intuito de facilitar a descrição das informações, foram estabelecidos blocos de 200 pontos de tradedagem, conforme sequência abaixo.

8.1.1 Levantamento Prospectivo do Pontos 01 até 200

Na **tradagem 01** georreferenciada com as coordenadas 24K 0280237/7910415 encontra-se em uma área plana com vegetação arbustiva, e cultivo de café. A escavação apresentou única camada estratigráfica (camada 1) chegando a uma profundidade de 60 cm.

A camada 1 (0-60 cm) apresenta um solo argilo-arenoso de compactação alta com a coloração 10YR 6/4 *dull yellow orange* e não houve registro de material cultural na tradagem.



Imagem 7.1.1-1 – Tradagem 01 escavada até 60 cm de profundidade. Vegetação arbustiva no entorno do ponto escavado.



Imagem 7.1.1-2 – Tradagem 01 escavada até 60 cm de profundidade.



Imagem 7.1.1-3 – Tradagem 01 escavada até 60 cm de profundidade. Extensão visual do ponto escavado, sentido norte.

Na **tradagem 02** georreferenciada com as coordenadas 24K 0280227/7910464 também foi abordada em uma área plana com cultivo de café ao redor do ponto, sendo identificada única camada estratigráfica (camada 1) chegando a uma profundidade de 80 cm.

A camada 1 (0-80 cm) apresenta um solo areno-argiloso de compactação alta com a coloração 2.5YR 5/2 *grayish red* e não houve registro de material cultural na tradagem.



Imagem 7.1.1-4 – Tradagem 02 escavada até 80 cm de profundidade. Vegetação arbustiva no entorno do ponto escavado.



Imagem 7.1.1-5 – Tradagem 02 escavada até 80 cm de profundidade.



Imagem 7.1.1-6 – Tradagem 02 escavada até 80 cm de profundidade. Extensão do ponto escavado, sentido sul.

Na **tradagem 03** georreferenciada com as coordenadas 24K 0280217/7910513 encontra-se em uma área em declive suave com cultivo de café ao redor do ponto de tradagem, sendo observada única camada estratigráfica (camada 1) chegando a uma profundidade de 70 cm.

A camada 1 (0-80 cm) apresenta um solo areno-argiloso de compactação alta com a coloração 2.5YR 5/2 *grayish red* e não houve registro de material cultural na tradagem.



Imagem 7.1.1-7 – Tradagem 03 escavada até 70 cm de profundidade. Cultivo de café no entorno do ponto escavado.



Imagem 7.1.1-8 – Tradagem 03 escavada até 70 cm de profundidade.



Imagem 7.1.1-9 – Tradagem 03 escavada até 70 cm de profundidade. Extensão do ponto escavado, sentido oeste.

Na **tradagem 04** georreferenciada com as coordenadas 24K 0282202/7910664, sendo afastado cerca de seis metros do ponto matriz, encontra-se em uma área em declive suave com cultivo de café ao redor do ponto de tradagem, sendo escavada única camada estratigráfica (camada 1) chegando a uma profundidade de 80 cm.

A camada 1 (0-80 cm) apresenta um solo areno-argiloso de compactação alta com a coloração 2.5YR 5/2 *grayish red* e não houve registro de material cultural na tradagem.



Imagem 7.1.1-10 – Tradagem 04 escavada até 80 cm de profundidade. Vegetação arbustiva e cultivo de café no entorno do ponto escavado.



Imagem 7.1.1-11 – Tradagem 04 escavada até 80 cm de profundidade.



Imagem 7.1.1-12 – Tradagem 04 escavada até 80 cm de profundidade. Extensão do ponto escavado, sentido norte.

Na **tradagem 05** georreferenciada com as coordenadas 24K 0280185/7910607 encontra-se em uma área em declive suave com cultivo de café ao redor do ponto de tradagem, sendo escavada única camada estratigráfica (camada 1) chegando a uma profundidade de 80 cm.

A camada 1 (0-80 cm) apresenta um solo areno-argiloso de compactação alta com a coloração 2.5YR 5/2 *grayish red* e não houve registro de material cultural na tradagem.



Imagem 7.1.1-13 – Tradagem 05 escavada até 80 cm de profundidade. Vegetação arbustiva e cultivo de café no entorno do ponto escavado.



Imagem 7.1.1-14 – Tradagem 05 escavada até 80 cm de profundidade.



Imagem 7.1.1-15 – Tradagem 05 escavada até 80 cm de profundidade. Extensão do ponto escavado, sentido noroeste.

Na **tradagem 06** georreferenciada com as coordenadas 24K 0280211/7910612 encontra-se em uma área em declive suave com vegetação arbórea ao redor do ponto de tradagem, sendo escavada única camada estratigráfica (camada 1) chegando a uma profundidade de 70 cm.

A camada 1 (0-70 cm) apresenta um solo areno-argiloso de compactação alta com a coloração 2.5YR 5/2 *grayish red* e não houve registro de material cultural na tradagem.



Imagem 7.1.1-16 – Tradagem 06 escavada até 70 cm de profundidade. Vegetação arbustiva e arbórea no entorno do ponto escavado.



Imagem 7.1.1-17 – Tradagem 06 escavada até 70 cm de profundidade.



Imagem 7.1.1-18 – Tradagem 06 escavada até 70 cm de profundidade. Extensão do ponto escavado, sentido noroeste.

Na **tradagem 07** georreferenciada com as coordenadas 24K 0280168/7910654 encontra-se em uma área em declive suave com cultivo de café ao redor do ponto de tradagem, sendo escavada única camada estratigráfica (camada 1) chegando a uma profundidade de 70 cm.

A camada 1 (0-70 cm) apresenta um solo areno-argiloso de compactação alta com a coloração 2.5YR 5/2 *grayish red* e não houve registro de material cultural na tradagem.



Imagem 7.1.1-19 – Tradagem 07 escavada até 70 cm de profundidade. Vegetação arbustiva e cultivo de café no entorno do ponto escavado.



Imagem 7.1.1-20 – Tradagem 07 escavada até 70 cm de profundidade.



Imagem 7.1.1-21 – Tradagem 07 escavada até 70 cm de profundidade. Extensão do ponto escavado, sentido noroeste.

Na **tradagem 08** georreferenciada com as coordenadas 24K 0280206/7910662 foi abordado em uma área em declive suave com cultivo de café e outros frutos; presença de vegetação arbórea ao redor do ponto de tradagem e foi observada única camada estratigráfica (camada 1) chegando a uma profundidade de 70 cm.

A camada 1 (0-70 cm) apresenta um solo areno-argiloso de compactação alta com a coloração 2.5YR 5/2 *grayish red* e não houve registro de material cultural na tradagem.



Imagem 7.1.1-22 – Tradagem 08 escavada até 70 cm de profundidade. Vegetação arbustiva e cultivo no entorno do ponto escavado.



Imagem 7.1.1-23 – Tradagem 08 escavada até 70 cm de profundidade.



Imagem 7.1.1-24 – Tradagem 08 escavada até 70 cm de profundidade. Extensão do ponto escavado, sentido norte.

Na **tradagem 09** georreferenciada com as coordenadas 24K 0280158/7910703 encontra-se em uma área em declive suave com cultivo de café, vegetação arbórea ao redor do ponto de tradagem, sendo observada única camada estratigráfica (camada 1) chegando a uma profundidade de 70 cm.

A camada 1 (0-70 cm) apresenta um solo areno-argiloso de compactação alta com a coloração 2.5YR 5/2 *grayish red* e não houve registro de material cultural na tradagem.



Imagem 7.1.1-25 – Tradagem 09 escavada até 70 cm de profundidade. Vegetação arbustiva e cultivo no entorno do ponto escavado.



Imagem 7.1.1-26 – Tradagem 09 escavada até 70 cm de profundidade.



Imagem 7.1.1-27 – Tradagem 09 escavada até 70 cm de profundidade. Extensão do ponto escavado, sentido sul.

Na **tradagem 10** georreferenciada com as coordenadas 24K 0280195/7910710 encontra-se em uma área em declive suave com cultivo de café ao redor do ponto de tradagem, e sendo escavada única camada estratigráfica (camada 1) chegando a uma profundidade de 70 cm.

A camada 1 (0-70 cm) apresenta um solo areno-argiloso de compactação alta com a coloração 2.5YR 5/2 *grayish red* e não houve registro de material cultural na tradagem.



Imagem 7.1.1-28 – Tradagem 10 escavada até 70 cm de profundidade. Vegetação arbustiva e cultivo de café no entorno do ponto escavado.



Imagem 7.1.1-29 – Tradagem 10 escavada até 70 cm de profundidade.



Imagem 7.1.1-30 – Tradagem 10 escavada até 70 cm de profundidade. Extensão do ponto escavado, sentido sul.

Na **tradagem 11** georreferenciada com as coordenadas 24K 0280155/7910753 encontra-se em uma área plana com cultivo de café e vegetação arbórea ao redor do ponto de tradagem, sendo escavada única camada estratigráfica (camada 1) chegando a uma profundidade de 70 cm.

A camada 1 (0-70 cm) apresenta um solo argilo-arenoso de compactação alta com a coloração 10YR 6/4 *dull yellow orange* e não houve registro de material cultural na tradagem.



Imagem 7.1.1-31 – Tradagem 11 escavada até 70 cm de profundidade. Vegetação arbustiva e cultivo de café no entorno do ponto escavado.



Imagem 7.1.1-32 – Tradagem 11 escavada até 70 cm de profundidade.



Imagem 7.1.1-33 – Tradagem 11 escavada até 70 cm de profundidade. Extensão do ponto escavado, sentido sul.

Na **tradagem 12** georreferenciada com as coordenadas 24K 0280168/7910770, tendo que ser afastada 15 metros do ponto matriz, encontra-se em uma área plana com vegetação arbórea ao redor do ponto de tradagem, sendo escavada única camada estratigráfica (camada 1) chegando a uma profundidade de 70 cm.

A camada 1 (0-70 cm) apresenta um solo areno-argiloso de compactação alta com a coloração 2.5YR 5/2 *grayish red* e não houve registro de material cultural na tradagem.



Imagem 7.1.1-34 – Tradagem 12 escavada até 70 cm de profundidade. Vegetação arbustiva e cultivo de café no entorno do ponto escavado.



Imagem 7.1.1-35 – Tradagem 12 escavada até 70 cm de profundidade.



Imagem 7.1.1-36 – Tradagem 12 escavada até 70 cm de profundidade. Extensão do ponto escavado, sentido sul.

Na **tradagem 13** georreferenciada com as coordenadas 24K 0280173/7910741, tendo que ser afastada 13 metros do ponto matriz, encontra-se em uma área em declive suave com cultivo de café e vegetação arbórea ao redor do ponto de tradagem, sendo escavada única camada estratigráfica (camada 1) chegando a uma profundidade de 70 cm.

A camada 1 (0-70 cm) apresenta um solo areno-argiloso de compactação alta com a coloração 2.5YR 5/2 *grayish red* e não houve registro de material cultural na tradagem.



Imagem 7.1.1-37 – Tradagem 13 escavada até 70 cm de profundidade. Vegetação arbustiva e cultivo de café no entorno do ponto escavado.



Imagem 7.1.1-38 – Tradagem 13 escavada até 70 cm de profundidade.



Imagem 7.1.1-39 – Tradagem 13 escavada até 70 cm de profundidade. Extensão do ponto escavado, sentido sul.

Na **tradagem 14** georreferenciada com as coordenadas 24K 0280162/7910796, tendo que ser afastada 07 metros do ponto matriz, encontra-se em uma área em declive suave com cultivo de café e vegetação arbórea ao redor do ponto de tradagem, sendo escavada única camada estratigráfica (camada 1) chegando a uma profundidade de 50 cm.

A camada 1 (0-50 cm) apresenta um solo areno-argiloso de compactação alta com a coloração 2.5YR 5/2 *grayish red* e não houve registro de material cultural na tradagem.



Imagem 7.1.1-40 – Tradagem 14 escavada até 50 cm de profundidade. Vegetação arbustiva e cultivo de café no entorno do ponto escavado.



Imagem 7.1.1-41 – Tradagem 14 escavada até 50 cm de profundidade.



Imagem 7.1.1-42 – Tradagem 14 escavada até 50 cm de profundidade. Extensão do ponto escavado, sentido sul.

Na **tradagem 15** georreferenciada com as coordenadas 24K 0280152/7910858, tendo que ser afastada 07 metros do ponto matriz, encontra-se em uma área plana com cultivo de café e vegetação arbórea ao redor do ponto de tradagem, sendo escavada única camada estratigráfica (camada 1) chegando a uma profundidade de 70 cm.

A camada 1 (0-70 cm) apresenta um solo areno-argiloso de compactação alta com a coloração 2.5YR 5/2 *grayish red* e não houve registro de material cultural na tradagem.



Imagem 7.1.1-43 – Tradagem 15 escavada até 70 cm de profundidade. Vegetação arbustiva e cultivo de café no entorno do ponto escavado.



Imagem 7.1.1-44 – Tradagem 15 escavada até 70 cm de profundidade.



Imagem 7.1.1-45 – Tradagem 15 escavada até 70 cm de profundidade. Extensão do ponto escavado, sentido sul.

Na **tradagem 16** georreferenciada com as coordenadas 24K 0280143/7910902, tendo que ser afastada 07 metros do ponto matriz, encontra-se em uma área em declive suave com cultivo de café e vegetação arbórea ao redor do ponto de tradagem, sendo escavada única camada estratigráfica (camada 1) chegando a uma profundidade de 70 cm.

A camada 1 (0-70 cm) apresenta um solo areno-argiloso de compactação alta com a coloração 2.5YR 5/2 *grayish red* e não houve registro de material cultural na tradagem.



Imagem 7.1.1-46 – Tradagem 16 escavada até 70 cm de profundidade. Vegetação arbustiva e cultivo de café no entorno do ponto escavado.



Imagem 7.1.1-47 – Tradagem 16 escavada até 70 cm de profundidade.



Imagem 7.1.1-48 – Tradagem 16 escavada até 70 cm de profundidade. Extensão do ponto escavado, sentido sul.

Na **tradagem 17** georreferenciada com as coordenadas 24K 0280237/7910731, tendo que ser afastada 06 metros do ponto matriz, encontra-se em uma área em declive suave com cultivo de café e vegetação arbórea ao redor do ponto de tradagem, sendo escavada única camada estratigráfica (camada 1) chegando a uma profundidade de 70 cm.

A camada 1 (0-70 cm) apresenta um solo areno-argiloso de compactação alta com a coloração 2.5YR 5/2 *grayish red* e não houve registro de material cultural na tradagem.



Imagem 7.1.1-49 – Tradagem 17 escavada até 70 cm de profundidade. Vegetação arbustiva e cultivo de café no entorno do ponto escavado.



Imagem 7.1.1-50 – Tradagem 17 escavada até 70 cm de profundidade.

Na **tradagem 18** georreferenciada com as coordenadas 24K 0280255/7910672 encontra-se em uma área em declive suave com cultivo de café ao redor do ponto de tradagem, sendo escavada única camada estratigráfica (camada 1) chegando a uma profundidade de 80 cm.

A camada 1 (0-80 cm) apresenta um solo argilo-arenoso de compactação alta com a coloração 2.5YR 5/2 *grayish red* e não houve registro de material cultural na tradagem.



Imagem 7.1.1-51 – Tradagem 18 escavada até 80 cm de profundidade. Vegetação arbustiva e cultivo de café no entorno do ponto escavado.



Imagem 7.1.1-52 – Tradagem 18 escavada até 80 cm de profundidade.

Na **tradagem 19** georreferenciada com as coordenadas 24K 0280274/7910711 encontra-se em uma área em declive suave com cultivo de café ao redor do ponto de tradagem, sendo escavada única camada estratigráfica (camada 1) chegando a uma profundidade de 80 cm.

A camada 1 (0-80 cm) apresenta um solo argilo-arenoso de compactação alta com a coloração 2.5YR 5/2 *grayish red* e não houve registro de material cultural na tradagem.



Imagem 7.1.1-53 – Tradagem 19 escavada até 80 cm de profundidade. Vegetação arbustiva e cultivo de café no entorno do ponto escavado.



Imagem 7.1.1-54 – Tradagem 19 escavada até 80 cm de profundidade.



Imagem 7.1.1-55 – Tradagem 19 escavada até 80 cm de profundidade. Extensão do ponto escavado, sentido norte.

Na **tradagem 20** georreferenciada com as coordenadas 24K 0280323/7910702 encontra-se em uma área em declive suave com cultivo de café ao redor do ponto de tradagem, sendo escavada única camada estratigráfica (camada 1) chegando a uma profundidade de 70 cm.

A camada 1 (0-70 cm) apresenta um solo argilo-arenoso de compactação alta com a coloração 2.5YR 5/2 *grayish red* e não houve registro de material cultural na tradagem.



Imagem 7.1.1-56 – Tradagem 20 escavada até 80 cm de profundidade. Vegetação arbustiva e cultivo de café no entorno do ponto escavado.



Imagem 7.1.1-57 – Tradagem 20 escavada até 80 cm de profundidade.



Imagem 7.1.1-58 – Tradagem 20 escavada até 80 cm de profundidade. Extensão do ponto escavado, sentido sul.

Na **tradagem 21** georreferenciada com as coordenadas 24K 0280372/7910696 encontra-se em uma área em declive suave com cultivo de café ao redor do ponto de tradagem, sendo escavada única camada estratigráfica (camada 1) chegando a uma profundidade de 80 cm.

A camada 1 (0-80 cm) apresenta um solo argilo-arenoso de compactação alta com a coloração 2.5YR 5/2 *grayish red* e não houve registro de material cultural na tradagem.



Imagem 7.1.1-59 – Tradagem 21 escavada até 80 cm de profundidade. Vegetação arbustiva e cultivo de café no entorno do ponto escavado.



Imagem 7.1.1-60 – Tradagem 21 escavada até 80 cm de profundidade.



Imagem 7.1.1-61 – Tradagem 21 escavada até 80 cm de profundidade. Extensão do ponto escavado, sentido sul.

Na **tradagem 22** georreferenciada com as coordenadas 24K 0280422/7910691 encontra-se em uma área em declive suave com cultivo de café ao redor do ponto de tradagem, sendo escavada única camada estratigráfica (camada 1) chegando a uma profundidade de 90 cm.

A camada 1 (0-90 cm) apresenta um solo argilo-arenoso de compactação alta com a coloração 2.5YR 5/2 *grayish red* e não houve registro de material cultural na tradagem.



Imagem 7.1.1-62 – Tradagem 22 escavada até 90 cm de profundidade. Vegetação arbustiva e cultivo de café no entorno do ponto escavado.



Imagem 7.1.1-63 – Tradagem 22 escavada até 90 cm de profundidade.



Imagem 7.1.1-64 – Tradagem 22 escavada até 90 cm de profundidade. Extensão do ponto escavado, sentido sul.

Na **tradagem 23** georreferenciada com as coordenadas 24K 0280472/7910686 encontra-se em uma área em declive suave com cultivo de café ao redor do ponto de tradagem, sendo escavada única camada estratigráfica (camada 1) chegando a uma profundidade de 80 cm.

A camada 1 (0-80 cm) apresenta um solo areno-argiloso de compactação alta com a coloração 2.5YR 5/2 *grayish red* e não houve registro de material cultural na tradagem.



Imagem 7.1.1-65 – Tradagem 23 escavada até 80 cm de profundidade. Vegetação arbustiva e cultivo de café no entorno do ponto escavado.



Imagem 7.1.1-66 – Tradagem 23 escavada até 80 cm de profundidade.



Imagem 7.1.1-67 – Tradagem 23 escavada até 80 cm de profundidade. Extensão do ponto escavado, sentido sul.

Na **tradagem 24** georreferenciada com as coordenadas 24K 0280522/7910681 encontra-se em uma área em declive suave com cultivo de café ao redor do ponto de tradagem, sendo escavada única camada estratigráfica (camada 1) chegando a uma profundidade de 80 cm.

A camada 1 (0-80 cm) apresenta um solo areno-argiloso de compactação alta com a coloração 2.5YR 5/2 *grayish red* e não houve registro de material cultural na tradagem.



Imagem 7.1.1-68 – Tradagem 24 escavada até 80 cm de profundidade. Vegetação arbustiva e cultivo de café no entorno do ponto escavado.



Imagem 7.1.1-69 – Tradagem 24 escavada até 80 cm de profundidade.



Imagem 7.1.1-70 – Tradagem 24 escavada até 80 cm de profundidade. Extensão do ponto escavado, sentido sul.

Na **tradagem 25** georreferenciada com as coordenadas 24K 0280571/7910675 encontra-se em uma área em declive suave com cultivo de café ao redor do ponto de tradagem, sendo escavada única camada estratigráfica (camada 1) chegando a uma profundidade de 80 cm.

A camada 1 (0-80 cm) apresenta um solo areno-argiloso de compactação alta com a coloração 2.5YR 5/2 *grayish red* e não houve registro de material cultural na tradagem.



Imagem 7.1.1-71 – Tradagem 25 escavada até 80 cm de profundidade. Vegetação arbustiva e cultivo de café no entorno do ponto escavado.



Imagem 7.1.1-72 – Tradagem 25 escavada até 80 cm de profundidade.



Imagem 7.1.1-73 – Tradagem 25 escavada até 80 cm de profundidade. Extensão do ponto escavado, sentido sul.

Na **tradagem 26** georreferenciada com as coordenadas 24K 0280621/7910670 encontra-se em uma área em declive suave com cultivo de café ao redor do ponto de tradagem, sendo escavada única camada estratigráfica (camada 1) chegando a uma profundidade de 80 cm.

A camada 1 (0-80 cm) apresenta um solo areno-argiloso de compactação alta com a coloração 2.5YR 5/2 *grayish red* e não houve registro de material cultural na tradagem.



Imagem 7.1.1-71 – Tradagem 26 escavada até 80 cm de profundidade. Vegetação arbustiva e cultivo de café no entorno do ponto escavado.



Imagem 7.1.1-72 – Tradagem 26 escavada até 80 cm de profundidade.



Imagem 7.1.1-73 – Tradagem 26 escavada até 80 cm de profundidade. Extensão do ponto escavado, sentido sudeste.

Na **tradagem 27** georreferenciada com as coordenadas 24K 0280671/7910665 encontra-se em uma área em declive suave com cultivo de café ao redor do ponto de tradagem, e sendo escavada única camada estratigráfica (camada 1) chegando a uma profundidade de 70 cm.

A camada 1 (0-70 cm) apresenta um solo areno-argiloso de compactação alta com a coloração 2.5YR 5/2 *grayish red* e não houve registro de material cultural na tradagem.



Imagem 7.1.1-74 – Tradagem 27 escavada até 70 cm de profundidade. Vegetação arbustiva e cultivo de café no entorno do ponto escavado.



Imagem 7.1.1-75 – Tradagem 27 escavada até 70 cm de profundidade.



Imagem 7.1.1-76 – Tradagem 27 escavada até 80 cm de profundidade. Extensão do ponto escavado, sentido leste.

Na **tradagem 28** georreferenciada com as coordenadas 24K 0280720/7910659 encontra-se em uma área em declive suave com cultivo de café ao redor do ponto de tradagem, sendo escavada única camada estratigráfica (camada 1) chegando a uma profundidade de 70 cm.

A camada 1 (0-70 cm) apresenta um solo areno-argiloso de compactação alta com a coloração 2.5YR 5/2 *grayish red* e não houve registro de material cultural na tradagem.



Imagem 7.1.1-77 – Tradagem 28 escavada até 70 cm de profundidade. Vegetação arbustiva e cultivo de café no entorno do ponto escavado.



Imagem 7.1.1-78 – Tradagem 28 escavada até 70 cm de profundidade.



Imagem 7.1.1-79 – Tradagem 28 escavada até 70 cm de profundidade. Extensão do ponto escavado, sentido leste.

Na **tradagem 29** georreferenciada com as coordenadas 24K 0280770/7910654 encontra-se em uma área em declive suave com cultivo de café ao redor do ponto de tradagem, sendo escavada única camada estratigráfica (camada 1) chegando a uma profundidade de 70 cm.

A camada 1 (0-70 cm) apresenta um solo areno-argiloso de compactação alta com a coloração 2.5YR 5/2 *grayish red* e não houve registro de material cultural na tradagem.



Imagem 7.1.1-80 – Tradagem 29 escavada até 70 cm de profundidade. Vegetação arbustiva e cultivo de café no entorno do ponto escavado.



Imagem 7.1.1-81 – Tradagem 29 escavada até 70 cm de profundidade.



Imagem 7.1.1-82 – Tradagem 29 escavada até 70 cm de profundidade. Extensão do ponto escavado, sentido norte.

Na **tradagem 30** georreferenciada com as coordenadas 24K 0280820/7910649 encontra-se em uma área em declive suave com cultivo de café ao redor do ponto de tradagem, sendo escavada única camada estratigráfica (camada 1) chegando a uma profundidade de 70 cm.

A camada 1 (0-70 cm) apresenta um solo areno-argiloso de compactação alta com a coloração 2.5YR 5/2 *grayish red* e não houve registro de material cultural na tradagem.



Imagem 7.1.1-83 – Tradagem 30 escavada até 70 cm de profundidade. Vegetação arbustiva e cultivo de café no entorno do ponto escavado.



Imagem 7.1.1-84 – Tradagem 30 escavada até 70 cm de profundidade.



Imagem 7.1.1-85 – Tradagem 30 escavada até 70 cm de profundidade. Extensão do ponto escavado, sentido norte.

Na **tradagem 31** georreferenciada com as coordenadas 24K 0280870/7910644 encontra-se em uma área em declive suave com cultivo de café ao redor do ponto de tradagem, sendo escavada única camada estratigráfica (camada 1) chegando a uma profundidade de 70 cm.

A camada 1 (0-70 cm) apresenta um solo areno-argiloso de compactação alta com a coloração 2.5YR 5/2 *grayish red* e não houve registro de material cultural na tradagem.



Imagem 7.1.1-86 – Tradagem 31 escavada até 70 cm de profundidade. Vegetação arbustiva e cultivo de café no entorno do ponto escavado.



Imagem 7.1.1-87 – Tradagem 31 escavada até 70 cm de profundidade.



Imagem 7.1.1-88 – Tradagem 31 escavada até 70 cm de profundidade. Extensão do ponto escavado, sentido norte.

Na **tradagem 32** georreferenciada com as coordenadas 24K 0280919/7910638 encontra-se em uma área de baixa vertente com declive suave e com cultivo de café ao redor do ponto de tradagem, sendo escavada única camada estratigráfica (camada 1) chegando a uma profundidade de 70 cm.

A camada 1 (0-70 cm) apresenta um solo areno-argiloso de compactação alta com a coloração 2.5YR 5/2 *grayish red* e não houve registro de material cultural na tradagem.



Imagem 7.1.1-89 – Tradagem 32 escavada até 70 cm de profundidade. Vegetação arbustiva e cultivo de café no entorno do ponto escavado.



Imagem 7.1.1-90 – Tradagem 32 escavada até 70 cm de profundidade.



Imagem 7.1.1-91 – Tradagem 32 escavada até 70 cm de profundidade. Extensão do ponto escavado, sentido norte.

Na **tradagem 33** georreferenciada com as coordenadas 24K 0280968/7910627 encontra-se em uma área de média vertente e com cultivo de café ao redor do ponto de tradagem, sendo escavada única camada estratigráfica (camada 1) chegando a uma profundidade de 70 cm.

A camada 1 (0-70 cm) apresenta um solo areno-argiloso de compactação alta com a coloração 2.5YR 5/2 *grayish red* e não houve registro de material cultural na tradagem.



Imagem 7.1.1-92 – Tradagem 33 escavada até 70 cm de profundidade. Vegetação arbustiva e cultivo de café no entorno do ponto escavado.



Imagem 7.1.1-93 – Tradagem 33 escavada até 70 cm de profundidade.



Imagem 7.1.1-94 – Tradagem 33 escavada até 70 cm de profundidade. Extensão do ponto escavado, sentido norte.

Na **tradagem 34** georreferenciada com as coordenadas 24K 0281016/7910612 encontra-se em uma área de baixa vertente e com cultivo de café ao redor do ponto de tradagem, sendo escavada única camada estratigráfica (camada 1) chegando a uma profundidade de 80 cm.

A camada 1 (0-80 cm) apresenta um solo areno-argiloso de compactação alta com a coloração 2.5YR 5/2 *grayish red* e não houve registro de material cultural na tradagem.



Imagem 7.1.1-95 – Tradagem 34 escavada até 80 cm de profundidade. Vegetação arbustiva e cultivo de café no entorno do ponto escavado.



Imagem 7.1.1-96 – Tradagem 34 escavada até 80 cm de profundidade.



Imagem 7.1.1-97 – Tradagem 34 escavada até 80 cm de profundidade. Extensão do ponto escavado, sentido norte.

Na **tradagem 35** georreferenciada com as coordenadas 24K 0281061/7910591 encontra-se em uma área de baixa vertente e com cultivo de café ao redor do ponto de tradagem, sendo escavada única camada estratigráfica (camada 1) chegando a uma profundidade de 70 cm.

A camada 1 (0-70 cm) apresenta um solo areno-argiloso de compactação alta com a coloração 10YR 6/4 *dull yellow orange* e não houve registro de material cultural na tradagem.



Imagem 7.1.1-98 – Tradagem 35 escavada até 70 cm de profundidade. Vegetação arbustiva e cultivo de café no entorno do ponto escavado.



Imagem 7.1.1-99 – Tradagem 35 escavada até 70 cm de profundidade.



Imagem 7.1.1-100 – Tradagem 35 escavada até 70 cm de profundidade. Extensão do ponto escavado, sentido norte.

Na **tradagem 36** georreferenciada com as coordenadas 24K 0281105/7910567 encontra-se em uma área de média vertente e com vegetação de pasto ao redor do ponto de tradagem, sendo escavada única camada estratigráfica (camada 1) chegando a uma profundidade de 90 cm.

A camada 1 (0-90 cm) apresenta um solo areno-argiloso de compactação alta com a coloração 10YR 6/4 *dull yellow orange* e não houve registro de material cultural na tradagem.



Imagem 7.1.1-101 – Tradagem 36 escavada até 70 cm de profundidade. Vegetação arbustiva e cultivo de café no entorno do ponto escavado.



Imagem 7.1.1-102 – Tradagem 36 escavada até 70 cm de profundidade.



Imagem 7.1.1-103 – Tradagem 36 escavada até 70 cm de profundidade. Extensão do ponto escavado, sentido norte.

Na **tradagem 37** georreferenciada com as coordenadas 24K 0281146/7910537 encontra-se em uma área de média vertente e com vegetação de pasto ao redor do ponto de tradagem, e sendo escavada única camada estratigráfica (camada 1) chegando a uma profundidade de 70 cm.

A camada 1 (0-70 cm) apresenta um solo areno-argiloso de compactação alta com a coloração 2.5YR 5/2 *grayish red* e não houve registro de material cultural na tradagem.



Imagem 7.1.1-104 – Tradagem 37 escavada até 70 cm de profundidade. Vegetação arbustiva e cultivo de café no entorno do ponto escavado.



Imagem 7.1.1-105 – Tradagem 37 escavada até 70 cm de profundidade.



Imagem 7.1.1-106 – Tradagem 37 escavada até 70 cm de profundidade. Extensão do ponto escavado, sentido leste.

Na **tradagem 38** georreferenciada com as coordenadas 24K 0281182/7910503 encontra-se em uma área de baixa vertente e com vegetação de pasto ao redor do ponto de tradagem, sendo escavada única camada estratigráfica (camada 1) chegando a uma profundidade de 70 cm.

A camada 1 (0-70 cm) apresenta um solo areno-argiloso de compactação alta com a coloração 2.5YR 5/2 *grayish red* e não houve registro de material cultural na tradagem.



Imagem 7.1.1-107 – Tradagem 38 escavada até 70 cm de profundidade. Vegetação arbustiva e cultivo de café no entorno do ponto escavado.



Imagem 7.1.1-108 – Tradagem 38 escavada até 70 cm de profundidade.



Imagem 7.1.1-109 – Tradagem 38 escavada até 70 cm de profundidade. Extensão do ponto escavado, sentido leste.

Na **tradagem 39** georreferenciada com as coordenadas 24K 0281217/7910468 encontra-se em uma área de baixa vertente e com cultivo de café ao redor do ponto de tradagem, sendo escavada única camada estratigráfica (camada 1) chegando a uma profundidade de 80 cm.

A camada 1 (0-80 cm) apresenta um solo areno-argiloso de compactação alta com a coloração 2.5YR 5/2 *grayish red* e não houve registro de material cultural na tradagem.



Imagem 7.1.1-110 – Tradagem 39 escavada até 70 cm de profundidade. Vegetação arbustiva e cultivo de café no entorno do ponto escavado.



Imagem 7.1.1-111 – Tradagem 39 escavada até 70 cm de profundidade.



Imagem 7.1.1-112 – Tradagem 39 escavada até 70 cm de profundidade. Extensão do ponto escavado, sentido leste.

Na **tradagem 40** georreferenciada com as coordenadas 24K 0281246/7910427 encontra-se em uma área de média vertente e declive suave e com cultivo de café, além de afloramento rochoso ao redor do ponto de tradagem, sendo escavada única camada estratigráfica (camada 1) chegando a uma profundidade de 80 cm.

A camada 1 (0-80 cm) apresenta um solo areno-argiloso de compactação alta com a coloração 2.5YR 5/2 *grayish red* e não houve registro de material cultural na tradagem.



Imagem 7.1.1-113 – Tradagem 40 escavada até 70 cm de profundidade. Vegetação arbustiva e cultivo de café no entorno do ponto escavado.



Imagem 7.1.1-114 – Tradagem 40 escavada até 70 cm de profundidade.



Imagem 7.1.1-115 – Tradagem 40 escavada até 70 cm de profundidade. Extensão do ponto escavado, sentido leste.

Na **tradagem 41** georreferenciada com as coordenadas 24K 0281272/7910384 encontra-se em uma área de média vertente e declive suave e com cultivo de café, além de afloramento rochoso ao redor do ponto de tradagem, sendo escavada única camada estratigráfica (camada 1) chegando a uma profundidade de 70 cm.

A camada 1 (0-70 cm) apresenta um solo areno-argiloso de compactação alta com a coloração 2.5YR 5/2 *grayish red* e não houve registro de material cultural na tradagem.



Imagem 7.1.1-116 – Tradagem 41 escavada até 70 cm de profundidade. Vegetação arbustiva e cultivo de café no entorno do ponto escavado.



Imagem 7.1.1-117 – Tradagem 41 escavada até 70 cm de profundidade.



Imagem 7.1.1-118 – Tradagem 41 escavada até 70 cm de sentido noroeste.

Na **tradagem 42** georreferenciada com as coordenadas 24K declive suave e com vegetação arbustiva, além de afloramen camada estratigráfica (camada 1) chegando a uma profundid

A camada 1 (0-80 cm) apresenta um solo areno-argiloso de houve registro de material cultural na tradagem.



Imagem 7.1.1-119 – Tradagem 42 escavada até 70 cm de profundidade. Vegetação arbustiva e cultivo de café no entorno do ponto escavado.

Imagem 7.1.1-120 – Tradagem 42 escavada até 70 cm de profundidade. Vegetação arbustiva e cultivo de café no entorno do ponto escavado.



